ANO 15.º LISBOA — SEXTA-FEIRA, 20 DE SETEMBRO DE 1935 N.º 4613

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A' MANEIRA de monumentalizar os varões mais ou menos ilustres, mesmo antes que a historia os julgue em definitivo, sucedeu a dos centenarios, que dizem respeito a homens e a factos, até mesmo a simples objectos que fizeram a sua entrada na civilização, quantas vezes capciosamente. Tudo vem a proposito de se celebrar, no proximo mês, nos Estados Unidos, o centenario do revolver.

De que maneira? Não o sabemos ainda embora estejamos convencidos que, mais ou menos todos os dias duma maneira infeliz o homem consagra o aparecimento daquela arma empregando-a contra o seu semelhante.

O inventor do primeiro revolver foi o coronel Samuel Colt, quando apenas tinha quinze anos, o que se pode levar á conta, dada a sua tenra idade, de imprevidencia infantil.

Mais tarde, em 1835, *o terrivel brinquedo foi, devidamente,* brevetado. *O mais interessante é que na Suiça, um tal Grobet apresentou uma arma no mesmo genero que podia disparar sete balas. Como a Suiça é um pais tranquilo e pacifico, o invento de Grobet foi dado por inutil, que o pretendeu ainda, sem resultado, vendê-lo ao czar da Russia, Alexandre I. Este não o aceitou, oferecendo ao inventor um precioso anel de oiro, no qual se via, simbolicamente, uma pomba, com um ramo de oliveira. Pobre volatil! Anda agora tão espavorido.*

* * *

O TENENTE Pavia de Magalhães publicou O Torneio Medieval *em que nos dá conta dos labores e investigações a que procedeu, para que a luzida revivescencia do claustro dos Jeronimos tivesse a verdade historica requerida, a fim de se não confundir com uma mascarada.*

E' um trabalho que demonstra o seguinte: a historia é uma mina abundantissima, mas sómente para os que, como Pavia de Magalhães, sabem separar o minerio das escorias que o encobrem.

* * *

O poeta Antonio Correia de Oliveira vai ser alvo duma homenagem em Belinho, no proximo domingo. A festa, que terá um caracter acentuadamente popular, associa-se o Orfeão Poveiro.

* * *

NO proximo dia 26 do corrente, pelas 14 horas, inaugurar-se-á, no atrio do teatro Nacional, a exposição de frutas de Alfredo Moreira da Silva & Filhos.

O MOMENTO

Pela Imprensa da manhã, o sr. presidente do Conselho falou ao país, a fim de o informar do pensamento governativo, tanto no que se refere a intenções como a realizações, ás preocupações do futuro como ás jornadas do passado. A ordem publica resulta necessariamente do acôrdo do Estado e da Nação, tornando-se, portanto, necessario que, de vez em quando, os dois ajustem os seus pontos de vista.

Deu-se ha pouco tempo um começo de revolução que, apesar de sufocada no seu inicio, é obrigação do estadista estudar-lhe as causas e determinar-lhe as directivas. O sr. presidente do Conselho detem-se nesse exame, com o proposito de demonstrar aos homens de boa vontade que não ha justificação possivel na queda do existente, em beneficio de aventuras que nos conduziriam a catastrofes irreparaveis.

Mas ainda mais que a ilequietação interna, as nuvens do horizonte internacional — formidavel formidavel vaga de angustia que rola pelo mundo — exigem que governantes e governados não desconfiem uns dos outros, pois é bem preferivel que se expliquem para se entenderem e se entendam para formarem a barreira insuperavel dos interesses supremos. Com a descrição que lhe é habitual, derivada do sentimento das suas indeclinaveis responsabilidades, o sr. presidente do Conselho não solta uma palavra que não seja submetida á mais cautelosa ponderação, tão dificil de manter no momento em que a Europa inteira se desconcerta e desvaira.

Não tenhamos duvida de que chegámos a uma hora em que os povos, se não fizerem um esforço vigoroso para reagirem contra as tentações satanicas, o Inferno terá a sua desforra no triunfo da besta-fera. Portugal afirma pela bôca do sr. presidente do Conselho: fidelidade á Sociedade das Nações, lealdade absoluta á Inglaterra e amizade á vizinha Espanha. Isto, porém, não representa da nossa parte mais que o esqueleto duma politica que carece de ter um corpo e um espirito — ambos obedecendo á vontade inquebravel de defender abnegadamente o patrimonio nacional contra todos os riscos e em todos os campos.

Duma cousa se devem lembrar os portugueses que amam a sua Patria e não desejam vê-la confundida com a turba de ambiciosos que buscam engrandecer-se á custa alheia: nunca fômos provocadores nem agressores pelo desejo imperialista de conquistar terrenos para oprimir raças. A nossa presente situação colonial apoia-se e redime-se de quaisquer manchas pelo papel que outrora desempenhámos: descobrimos mares e continentes, realizando assim a obra mais vasta e humana de todas as idades.

Os abusos que cometemos estão dentro da moral dos seculos decorridos e relevam-se, sem sombra de favor, com os altissimos serviços que prestámos á humanidade.

O sr. presidente do Conselho, firme no conhecimento desta caracteristica especial do nosso direito, dirige-se ao exercito:

— «*De dedução em dedução, a necessidade do Exercito como elemento da politica externa e colonial aparece como exigencia essencial da nossa revolução; e o que se pregunta é se a sua reorganização e prestigio são compativeis com a intervenção directa na politica interna, ou se, pelo contrario, não convem ao interesse nacional, desde que está assegurada a continuidade da revolução, libertá-lo e libertar o mais possivel os seus membros de preocupações que não sejam as da preparação moral e tecnica em ordem á defesa da Patria*».

As virtúdes de Portugal hão de brilhar principalmente nas armas que velam pela sua incorrupção. Os exercitos que se prezam — da Inglaterra, França, Italia, Alemanha, Russia e Estados Unidos — não consagram á politica maior atenção que a suficiente para se fiarem e orientarem sobre o cumprimento exacto dos seus deveres. Tudo o que vai além disto é um perigo, porque desvia do bem comum as dedicações exemplares. Quando o Estado vive ao Deus-dará, a pedir, a empenhar, a faltar aos seus compromissos ou a humilhar-se perante os seus credores, deixando que o seu nome sirva de escarneo aos argentarios, aproxima-se — quantas vezes sem dar po risso... — da ruina.

O facto de abdicar dos principios morais e juridicos que constituem a sua dignidade e a sua honra, derivando a sabor de correntes contrarias, sem um sobressalto de consciencia, é bem pior ainda, visto que significa o proposito de morrer, sem a higiene requerida para regressar á terra fria. terra fria.

O SR. dr. Jaime de Magalhães Lima vive na sua quinta de S. Francisco (Eixo)—isolado meditativo e entregue a cuidados mais evangelicos que profanos. Cultiva as suas vinhas e as suas flores, lendo a Biblia. Os pensamentos da alma deixam-lhe pouco espaço para os do corpo.

Deita-se cêdo e levanta-se cêdo. De tantes em tantos dias, bate-lhe á porta um amigo. Recebe-o com hospitalidade fidalga e na hora da partida diz-lhe:

—O Senhor seja contigo!

Gosta principalmente de tratar com a gente humilde que muito o estima. Ha dias algumas camionetas que transportavam excursionistas da Mortagua para Aveiro, ao avizinharem-se de Agueda, pararam, em obediencia a esta sugestão:

— Vamos visitar o sr. dr. Jaime de Magalhães Lima...

Uma centena de mortaguenses, apesar do adiantado da hora, apearam-se e correram a apresentar as suas saudações ao patriarca do Silencio. Não houve discursos, mas trocaram-se as palavras bastantes para traduzir uma emoção que não figurava no programa da excursão. O sr. dr. Jaime de Magalhães Lima, visivelmente impressionado com a espontanea manifestação, ia dizendo:

— Esta casa é vossa!

Todos se inclinaram, limitando-se a provar as boas uvas e a saborear a fina e fresca agua.

* * *

SUCEDEM-SE os «récords». Como é natural a aviação quasi cotidianamente, se supera em velocidade. O cineasta americano Howard Hughes acaba de bater a ultima performance *do aviador francês Delmoite, voando a mais de* 566 *quilometros á hora.*

Pregunta-se: poderá a estrutura humana resistir a estes delirios de velocidade? Seja como fôr, os pilotos continuam a bater-se, com audacia, queimando com audacia as suas energias, embora em vitorias que duram, apenas, a vida duma rosa.

* * *

O ministro francês sr. Frossard acaba de adoptar uma serie de medidas para combater a crise do desemprego no seu pais.

O programa do gabinete Laval vai-se assim executando, sem grandes sobressaltos, procurando a França dominar uma crise que, em certo momento, tomou proporções alarmantes.

TEATROS E CINEMAS

"Festa do Sorriso"

E' enorme já a marcação de bilhetes no escritorio do teatro da Trindade para a Festa do Sorriso, *que se realiza pela primeira vez em Portugal, no proximo domingo, 29, ás 22 horas. Comprar um bilhete para este original espectaculo é adquirir um ou mais votos (conforme a categoria d'o bilhete) a favor da concorrente A. ou B., ao titulo de* Rainha do sorriso do teatro português *e que, uma vez classificada, será brindada com um elegantissimo automovel. Camarotes de 1.ª e frizas, valem 50 votos; camarotes de 2.ª, valem 40 votos; Poltronas e balcões de 1., valem 10 votos; Platéa, vale 8, etc., etc. A bilheteira abre na quinta-feira, 26.*

Atrás do reposteiro

As duas sessões em que se representará, todas as noites, no Apolo, a peça de grande espectaculo *Miguel Strogoff*, efectuar-se-ão rigorosamente, ás 20 e 30 e 22 e 45, de modo a que a segunda sessão termine á hora regulamentar, com meios de transporte e electricos para todos os pontos da cidade.

—Intitula-se em português *Joana, a Doida*, a comédia que Lino Ferreira, Fernando Santos e Almeida Amaral adaptaram para a companhia Maria Matos e que inicialmente se chamou *A condessa está triste*, tradução integral do seu titulo em espanhol.

—Pepito Romeu é um grande artista excentrico internacional, que faz parte do elenco da companhia Jardel Jercolis e que nas revistas-fantasias que este vai apresentar no Trindade tem a seu cargo os numeros exoticos e os *sketchs* ultra-comicos.

—Reassumiu o seu cargo directivo na Emissora Nacional o escritor teatral e ilustre poeta Silva Tavares, cuja ultima produção foi o *Auto da fundação das Caldas*, recentemente representado pela companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, nas Caldas da Rainha.

—O inspector geral dos Espectaculos, para o qual se reclamou, recentemente, acêrca de uma determinação de um seu funcionario julgada arbitraria, resolveu o assunto com o maior espirito de justiça, em favor dos reclamantes.

—A reabertura do Politeama, novamente como cinema, até ao começo do verão, em que voltará a funcionar como teatro, foi marcada para o dia 11 de outubro proximo.

—Malogrou-se uma tentativa de teatro de opereta, cujas negociações se iniciaram em tempos e á frente das quais esteve um empresario da provincia, que a pensou realizar em Lisboa, sem resultado.

—A comédia em que o escritor João Bastos esteve trabalhando nas termas de Monte Real, intitula-se *Tabú* e está já entregue á companhia Maria Matos.

—Foi imensamente concorrido e muito animado o almço oferecido por um grupo de artistas plasticos, no *Caliça*, ao seu camarada o cenografo Baltazar Rodrigues, festejando o seu aniversario.

—No dia 2 do proximo mês, por motivo do recente falecimento de seu pai, desligou-se da companhia Eva Stachino, a actriz-cantadeira Emilia Candeias que, por esse motivo, não segue na digressão desta companhia ás ilhas.

—Esteve hoje no *Diario de Lisboa* a apresentar os seus cumprimentos o sr. Antonio Vasques, administrador da companhia de revistas brasileiras Jardel Jercolis.

A companhia chega a Portugal no proximo dia 8 de outubro, estreando-se no dia 11, no teatro da Trindade.

—Fez-se, ante-ontem, uma simpatica reconciliação entre um conhecido empresario e um seu velho secretario, amigo e compadre, efectuada numa ceia, que decorreu cordialmente e na melhor amizade.

—Com bilhetes vendidos até ao final do mês corrente, repete-se hoje, no Variedades, a revista das multidões, *Sardinha Assada*, que no domingo se representa em *matinée* e duas sessões nocturnas.

—A primeira *matinée* de *Olha o balão!*, no Avenida, efectua-se no proximo domingo, sendo que hoje e amanhã ela se representa em duas sessões, ás 20 e 45 e ás 23 horas.

—Vindo do Porto, onde esteve trabalhando no Palacio de Cristal, chegou a Lisboa o actor Francisco Ribeiro (Ribeirinho), contratado do empresario Lopo Lauer, para o Maria Vitoria.

—A peça que o dr. Ramada Curto vai traduzir para a companhia Maria Matos é a comedia francesa *Sexe faible*, á qual será posto o titulo de *O sexo fraco*.

—E' amanhã que o Coliseu inaugura a sua temporada de inverno, com a estreia de uma formidavel companhia de circo, cheia de novidades e cujas atracções vêm precedidas de grande renome.

—A gentil bailarina Lucy Snow, que se encontra em Paris preparando novos numeros coreograficos com famosos professores, foi convidada a tomar parte num dos melhores espectaculos de inverno a montar na capital da França.

—Já não carecem de reclamo as noites da moda no formoso recinto do Luna Parque.

A nossa sociedade elegante sabe muito bem que as sextas-feiras do maior parque de diversões constituem uma autentica parada de elegancia e formosura.

—No Pavilhão Português exibe-se hoje, pela primeira e unica vez, o filme historico «Rainha Cristina».

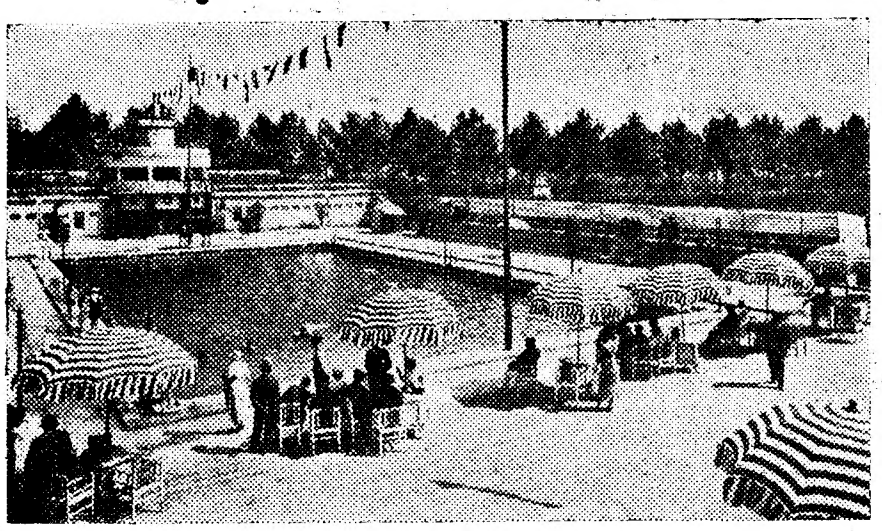
—Os espectadores do Capitolio podem assistir, sem mais dispendio, ás lições de ilusionismo que todas as noites são dadas ao publico no Parque Mayer.

—E' possivel que antes da temporada oficial da companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, no Nacional, neste teatro se faça uma exploração de comédias dirigida por um conhecido escritor e com um popular actor comico á frente do elenco.

—Na proxima segunda-feira começam no Maria Vitoria os ensaios dos artistas da companhia Maria das Neves, para a nova revista que vai estrear a temporada de inverno deste teatro.

O "Trevo de Quatro Folhas"

Algumas cênas vão ser filmadas na Curia



Um aspecto da piscina-praia «Paraíso», onde vão ser filmadas algumas cenas do filme «O Trêvo de Quatro Folhas»

Têm prosseguido, com grande entusiasmo, e estão já muito adiantados os trabalhos de filmagem do «Trevo de Quatro Folhas». Como sucede, no cinema de todo o mundo, as dificuldades que por acaso surgem tem servido de estimulo aos realizadores daquela bela obra de caracter nacional, pondo á prova as suas qualidades de energia e tenacidade.

Amanhã partem para a Curia numa grande organização cinematografica, possivelmente a maior que se tem realizado, em Portugal, as «équipes» tecnica e artistica que estão realizando o fonofilme nacional «O Trevo de Quatro Folhas». A caravana é constituida por trinta e três pessoas, que viajam em cinco auto-carros, seguidos dos camions de som e doirada de vistas, bem como diversa aparelhagem. A cena que vai ser filmada na Curia, num admiravel ambiente paisagista, é dos mais importantes da produção, tendo por cenario a majestosa fachada do Palace e a maravilhosa piscina azul, esta criação recente do grande hoteleiro Alexandre de Almeida. Na cena, que é um belo esquema cinematografico, tomam parte o notavel artista brasileiro Procopio Ferreira, Beatriz Costa, Nascimento Fernandes, Maria Castelar, Waldemar Mota, e um grupo de quinze raparigas.

As filmagens durarão três dias, sendo oferecido por Alexandre de Almeida um jantar de homenagem a Procopio Ferreira que, pela primeira vez visita a Curia.

Vai, pois, a admiravel estancia termal, ter surpreendente e temperado «fim de semana» cinematografico que atrairá ali farta concorrencia, dado o seu aspecto de elegancia e mundanismo, havendo dois «chás-dansantes», no «dancing» da piscina, marcados para sabado e domingo, ás 17 horas.

As festas de sabado e domingo fazem parte do filme.

Tambem na noite de domingo, nos salões do Palace Hotel, se realizará um magnifico baile em honra dos cientistas que compõem o Congresso de Zoologia, actualmente reunido, entre nós, no qual tomarão parte os interpretes do «Trevo de Quatro Folhas».

BOLSAS

20 de setembro

CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 4 3/4 1934	1.131$00	1.130$00	1.133$00
Consolidado 5 1/2 0/0 1933	1.083$00	1.082$00	1.084$00
» 4 1/2 0/0 1933	1.002$00	1.000$00	1.003$00
» 4 0/0 1934	946$00	—	—
Externo 3 0/0 1.ª Sér. s/p	—	1.516$00	1.525$00
» 3 0/0 2.ª »	—	—	1.645$00
» 3 0/0 3.ª »	1.540$00	1.535$00	1.545$00
Emp. 2 0/0 1912	—	2.170$00	2.175$00
» 6 1/2 0/0 1930-Cons	—	513$00	514$00
» 6 3/4 0/0 1930-Porto	511$50	511$50	512$00
» 6 0/0 1932	1.015$00	1.015$00	—
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	460$00	—	470$00
Lisboa & Açores, port.	390$00	388$00	392$00
Portugal, portador	1.085$00	1.083$00	1.088$00
Espirito Santo	—	600$00	620$00
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	650$00	660$00
Fidelidade	—	15.500$00	16 000$00
Mundial	—	—	220$00
Nacional	720$00	710$00	730$00
Sagres	—	1.000$00	1.100$00
Tagus	—	750$00	—
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria	—	—	75$00
» » privilegiadas	—	—	29$00
Aguas de Lisboa, port.	—	357$00	365$00
Cerveja Estrela	—	251$00	258$00
Cimentos de Leiria	—	—	339$00
Credito Predial	—	26$00	27$00
Gaz e Electricidade	333$00	332$50	333$00
Navegação	80$50	80$00	80$50
Portugal e Colonias	81$00	84$00	84$30
Portuguesa de Pesca	—	248$00	249$00
» de Tabacos	397$00	396$50	397$50
Tabacos de Portugal	—	350$00	355$00
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	—	—	—
COLONIAIS			
Açucar de Angola	497$50	497$00	498$00
Busi — 1.ª Emissão	—	—	35$00
» — 2.ª »	—	—	—
Ilha do Principe	162$00	161$00	163$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	430$00	430$00	434$00
Prediais 6 0/0 — 1932 1.as s.	—	89$50	91$00
» 7 0/0	120$00	119$50	120$00
União Elect. Port. 7 1/2	—	—	—
Busi 9 0/0	—	113$00	115$00
» 6 1/2 0/0	—	107$00	108$00

Henrique de Barros Gomes
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$00	110$20
Paris	1$47,2	1$47,5
Madrid	3$05,0	3$05,0
New-York	22$35,7	22$39,8
Zurich	7$25,5	7$26,9
Roma	1$82,3	1$82,7
Bruxelas	5$77,0	5$77,5
Amsterdão	15$12,5	15$15,2
Berlim	9$94,2	9$01,0
Praga	$92,4	$92,6
Rio de Janeiro	1$20,3	1$20,5
Libra ouro	181$50	—

PROGRAMAS DE HOJE

CAPITOLIO A Grande Atracção A profissão de Ann Carver

PAVILHÃO PORTUGUÊS Rainha Cristina e Melodia Cubana

JARDIM CINEMA ás 21 e 15. DOMINGO A profissão de Any Lover A Ultima da Hora

ROYAL ás 21 e 15 Telef. 4 5037 ASAS QUEBRADAS Uma rapariga ao volante

Retiro da Severa — LUNA PARQUE

HOJE — Dia da Moda — HOJE

Festejando o encerramento da época, fazem-se ouvir:

Maria do Carmo Torres, Madalena de Melo, Maria Carmen, Maria Luiza, Rosa Maria, Alfredo Duarte (Marceneiro), Filipe Pinto, Jacinto Pereira e Alberto d'Oliveira

Acompanhados pelo eximio e inimitavel guitarrista **ARMANDINHO**

Primoroso serviço de restaurant e cervejaria. — AVISO: o Restaurante Retiro da Severa reabre na época de inverno em local a anunciar

SARDINHA ASSADA TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES NO **VARIEDADES** A super-famosa revista Record do verão de 1935 com **LUIZA SATANELA**

AVENIDA HOJE — DUAS SESSÕES — 8,45 e 11 H. A REVISTA DO DIA **OLHA O BALÃO!**

PORTO COVO & C.ª
BANQUEIROS
175, Rua Aurea, 191
Telf. P.B.X. 24161/2
Efectuam todas as operações bancarias

Isabel Pinto Coelho encontra-se em Paris, onde foi adquirir, nas melhores casas da especialidade, a colecção de chapeus modelos que, na proxima estação, vai expôr na Rua Alexandre Herculano n.º 61, r/c., E.do.

HOJE
NOITE DA MODA
NO
LUNA-PARQUE

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE»

A NOITE DO COCKTAIL

No Casino Estoril, na terça-feira proxima

Na noite de 24 do corrente realiza-se no Casino do Estoril a festa da "Noite do Cocktail„, apresentada por Anibal Contreiras e Tom. Gentis artistas portuguesas e alemãs, em numeros de bailados caracteristicos ou canções, interpretarão licores de varios paises, sendo o português representado por fados e baile regional. A orquestra PORTUGAL executará, pela primeira vez, a valsa ESTORIL, escrita para esta festa, com musica de D. Manuel de Menezes Bonito e letra de A. Contreiras, que será cantada por Alberto Reis, num conjunto coreografico ensaiado pelo bailarino Piero. Serão conferidos premios aos pares que melhor dansarem esta valsa, e será distribuida pelas senhoras uma bonita edição da valsa. No "bar„ ha um concurso de "cocktail„ entre senhoras, aos quais estão ainda reservados varios brindes, havendo outras surpresas e premios interessantes. Dina Tereza é quem interpreta o licor de Portugal.

PROVINCIAS

FERREIRA DO ZEZERE, 13.—O sr. dr. Francisco Garcez ofereceu, no seu solar da Quinta da Inveja, no Vale Serrão, na margem do Zezere, uma pescaria, seguida de um almoço e jantar, a que assistiram 110 convidados.

—Esta linda festa, abrilhantada por uma filarmonica, deixou em todos as mais gratas recordações.

—O sr Manuel Antonio Dias Ferreira, antigo director do Banco de Portugal, e sua esposa D. Joaquina Costa Dias Ferreira, festejaram hoje o 49.º aniversario do seu casamento, distribuindo no seu chalé da Quinta das Lanças, fatos a 145 crianças e um lanche.

A esta generosa distribuição, assistiram 150 pessoas das relações dos donos da casa, que lhes foram apresentar os cumprimentos de parabens e que foram convidados, em seguida, para um chá dansante.

CANTANHEDE, 17. — Realizou-se ontem, em *réprise*, na Pocariça, um espectaculo de beneficencia com a colaboração artistica de um grupo de meninas e rapazes daquela aldeia e de outros de Lisboa, que ali estavam a veranear.

O produto liquido das récitas reverte em beneficio da Associação Protectora dos Pobres daquela localidade.

Atropelamento

MOGOFORES, 18 — A camioneta n.º 15088, pertencente a Januario José da Cruz e guiada por Armando Pinto Monteiro, residente no Porto quando ontem vinha, com cabazes de sardinha, da praia da Afurada para o sul, atropelou, na estrada nacional, junto ao lugar de Malaposta, a 300 metros desta localidade, Carolina Marques de Oliveira, filha do tanoeiro Manuel José Correia, que ficou em estado grave. A vitima seguiu para o hospital de Coimbra.

O «chauffeur», que foi preso por um oficial de justiça que se encontrava no local, conseguiu evadir-se, com o auxilio de dois individuos que ali apareceram, um chamado Custodio e outro Fernando Loureiro, os quais, mais tarde, a Guarda Republicana prendeu e levou para a cadeia de Anadia.

Festa de N.ª S.ª do Cabo

Começam amanhã, sabado, prolongando-se até segunda-feira, as festas em honra de N.ª S.ª do Cabo em Alcabideche (Cascais) com as costumadas solenidades religiosas, concertos musicais pela Banda dos Sapadores dos Caminhos de Ferro, quermesse, iluminações e fogo de artificio. Haverá carreiras de camionetas de Cascais e Sintra.

O melhor ponto de reunião do Estoril

A sociedade elegante do Estoril reune-se, todos os dias e todas as noites na excelente pastelaria «Rendez-vous du Parc», do sr. Domingos Augusto da Silva, cujos bolos de ovos e bolos secos são de esplendido fabrico. São apreciadissimos os seus «chás das cinco». O telefone do «Rendez-vous do Parc» é Estoril 130.

Café Luso

Hoje, das 21 ás 0 horas, grandiosa «soirée». Cantadores: Margarida Pereira, Carolina Redondo e surpresa do Norte.

Não se esqueça ir ouvir a Canção Nacional, e pode ter a certeza que vai gostar. Duas grandes cantadeiras e um grande cantador.

AVENIDA DA LIBERDADE, 31

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Uma bela festa
na praia da Torreira

TORREIRA, 19.—Vive em Lisboa uma numerosa colonia da Murtosa. E não só da Murtosa—Estarreja, Salreu, Pardilhó e Veiros dão tambem um consideravel contingente, povo na sua maioria humilde e trabalhador, que anima as ruas de Lisboa com os seus frescos pregões e a sua alegria comunicativa.

Mas em toda essa gente vive latente a amizade pela sua terra. O seu maior regalo é o veraneio anual, nestas paragens. Murtoseiro que se presa—não falta á chamada na época do sol ardente. Assim se compreende o progresso da Murtosa e dos seus arredores, facilitado e incitado pelos naturais.

Na verdade, durante o verão, estes privilegiados recantos movimentam-se com a chegada, dia a dia, dessa população de que falamos, que faz vida em Lisboa, tendo sempre nos olhos e no coração a sua lindissima região. E a praia da Torreira anima-se, despertando da letargia dum ano, para se entregar preguiçosamente aos que nela procuram energias para um ano intenso de trabalho.

A Torreira, que a tradicional e popular romaria de S. Paio, este ano como os demais, muito concorrida, tornou celebre em todo o país, tem, de facto, condições naturais que lhe permitem ocupar um posto honroso na primeira fila das mais belas praias portuguesas.

Dum lado, o mar bate-lhe embravecido, dando-nos um espectaculo grandioso—feerico em dias tempestuosos — que os olhos maravilhados jámais se cansam de contemplar! Da outra banda, como reverso apetecido, apreci-a-se a tranquilidade da ria, aproveitada para ensaios de velocidade, a bordo de barcos com motor.

Fica localizada, nesta margem, o recinto dos «banhos».

A pintora Maria Eduarda Lapa, forte temperamento de artista, encontrou neste belo quadro de natureza o seu melhor campo de acção. E a espiritos de eleição tem sucedido o mesmo!

A Escola de Aviação de Aveiro deslocou para a Torreira uma das suas aulas de treino e aperfeiçoamento, e todos os dias um Junker's traz para este local—considerado pelos tecnicos incomparavel e inexcedivel para o fim em vista—instrutores e alunos, dando os aviões uma nota de pitoresco e curiosidade á formosa praia.

* * *

A vida, na praia, decorre com alegria e despreocupação.

Ainda ontem, o sr. Manuel Barbosa organizou uma «pescaria»—pretexto para algumas horas bem passadas, em agradavel convivio.

E, á noite, na Assembleia, um grupo de raparigas—Benedita Leite, Angelina Leite, Maria Luiza Salgado, Iria Izabel Soares Barbosa, Maria Carminda Vidal, Margarida Norberta Vdial, Elisa Amelia Vidal, Maria Helena Vidal, Irene de Sousa Carvalho, Eudora Reis, Arminda Duarte Gomes, Candida Augusta Rocha Baptista, Maria Augusta Conde Rendeiros, Gracinda Agulhas, Leonor Fernandes, Generosa Fernandes, Maria Amelia Assunção, Tina de Assunção, Gracinda Vieira de Araujo, Glorita Fernandes, Maria Duarte Fernandes, Cesarina Marques Pires Fonseca, Maria Ricardina Pereira de Sousa, Alda Marques Pais Fonseca, Maria Luciana Afonso Cunha, Maria de Jesus Tavares, Deolinda Pereira e Maria José Soares—depois de ter transformado a sala, com motivos maritimos, deu um bailé animado e interessante.

As raparigas, tipos belos de mulher já cantados por poetas, apresentaram-se garridamente com os trajos proprios da região, e os rapazes, transformados em pescadores, num belo conjunto, dansaram animadamente toda a noite.

Entre outras, assistiram as seguintes familias: Vieira Pinto, cujo nome anda fortemente ligado ao desenvolvimento da Murtosa e da Torreira; drs. Manuel Barbosa, Baptista, Anibal Corga, Araujo e Sá, João Ruela Ramos e João Vaz; capitão Artur Salgado, Julio Baptista, Pinto Leite, José Barbosa, Joaquim Barbosa, Custodio Assunção, Carramona, Manuel Tavares. E ainda os drs. Joaquim Portugal, Antonio Rebelo, Pinho, Domingos de Almeida, etc.

A Torreira começa a ser o ponto de reunião predilecto das melhores familias desta região. Mas quando é que os portugueses descobrirão esta praia—a mais ampla e mais bela de quantas temos visitado ao longo desta rica costa portuguesa?

Como proteger a sua tez DO MAU TEMPO

Acabei de encontrar uma senhora que sai todos os dias, expondo a sua pele aos efeitos irritantes do vento e do frio. No entanto, a sua tez parecia tão maravilhosamente fresca, sua pele tão macia e tão aveludada, que lhe preguntei como, estando constantemente exposta a intemperies, ela evitava a rugosidade, o endurecimento e as manchas vermelhas da epiderme. Eis a sua simples receita:

Aplique o Créme Tokalon, Alimento para a Pele, Côr de Rosa, antes de se deitar. Ele alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o sono. Aplique o Créme Tokalon, Alimento para a Pele, Côr Branca (não gorduroso), de manhã. Embranquecedor, tónico e adstringente, êle suprime os poros dilatados, os pontos negros, e acalma a irritação das glandulas cutâneas. Toda a mulher ficará surpreendida e encantada do belo aspecto "mate„ e aveludado que, por êste método, o Créme Tokalon dá à sua tez.

A' venda nos bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se á Agencia Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

MISERICORDIA DE CASCAIS

Donativos recebidos ultimamente por esta casa de caridade dos seguintes senhores:

Esc. 50$00 de Mrs. Etherington Smith; 50$00 de João Maria Morgado Viegas; 113$00 da Comissão Promotora de Tiro aos Pratos; 100$00 de anonimo M. S.; 30$00 de Silverio Lopez Martins; 150$00 da sr.ª D. Maria Justina Pereira de Freitas; 50$00 duma anonima; 50$00 do sr. Manuel Hermenegildo Gaspar; 100$00 de Henriques Salustiano Lourenço; 200$00 do sr. dr. Armando Vieira de Sousa; 500$00 de José dos Santos; 200$00 de D. Cicaly Wigh; 90$00 dum anonimo; 200$00 de Manuel Paulino; 100$00 de Avelino Rodrigues de Oliveira; 150$00 de Rodrigo Luiz Caldeira Junior; 68$00 do Hotel Estoril Palacio; 50$00 do dr. Gama Pinto; 100$00 do anonimo A. M. R.; 20$00 do coronel Barahona; 25$00 de José Gonçalves Junior; 50$00 dos srs. Gonçalves & Torrado, L.da; 240$70 produto de espectaculos cinematograficos; 10$00 de Jaime da Cruz Seguro; 136$20 do Hotel Estoril Palacio; 100$00 do Hotel Miramar; 500$00 da Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana; 400$00 da Junta de Freguesia de Alcabideche; 20$00 do dr. Carlos Granjo; 100$00 da sr.ª D. Tomasia Ereira; 100$00 da sr.ª D. Feliciana Duarte Machado; 150$00 do coronel Alvaro Pereira; 500$00 de Fernando Rodrigues Formigal; 1.200$00 das Companhias Reunidas Gás e Electricidade; 300$00 do dr. Vicente Temudo; 947$00 dum anonimo por intermedio do Provedor; 150$00 de Alfredo Gomes de Melo; 50$00 da sr.ª Condessa de Sabugosa; 100$00 de Silva & Companhia, Irmãos; 100$00 de Eduardo Perestrelo de Vasconcelos; 47$55 do Hotel Estoril Palacio; 100$00 do Conde da Povoa; 1.000$00 de Samuel Lupi dos Santos Jorge; 100$00 da sr.ª D. Laura da Conceição Domingues; 100$00 do anonimo J. S.; 100$00 de Henrique Monfroy de Seixas.

Dada a situação dificil que a Misericordia atravessa a mesa administrativa pede ás pessoas de sentimentos generosos que a auxiliem, removendo os seus agradecimentos áqueles que têm concorrido para ser possivel conservar aberto o hospital.

A incomparavel noite de amanhã no Coliseu

Pelos numeros de grande realidade que vai apresentar no seu programa, é facil calcular o extraordinario valor da Grande Companhia de Circo que se estreia amanhã no Coliseu.

Todo o espectaculo é constituido por autenticas atracções, das que são disputadas pelos melhores circos do mundo. E' uma companhia que só muito excepcionalmente, depois de afincados esforços e numa indiferença pelos pesados encargos que traz, se consegue organizar. Recomeçam as reuniões de todo o publico, todas a snoites, na majestoso Coliseu.

Ai temos o circo com os seus palhaços e as maravilhas que emociona e que nenhum outro espectaculo consegue dar. Lisboa vai, finalmente, inundar-se de riso, de alegria, de verdadeira felicidade!

A aquisição de bilhetes é cada vez maior, para a estreia e para a matinée *de domingo, dedicada ás crianças.*

Pessimismo?
tome um cálice de Vinho do
Porto

"A vida parecer-lhe-há côr de rosa e enfrentá-la-há com um sorriso nos lábios.
Beberá alegria, boa disposição, coragem...
Se está triste experimente!

HAVAS

Automoveis sem chauffeur
Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

Barbosa & Costa L.da
Tem em exposição bonitas **mobilias de sala,** que vendem a preços **sem competencia.**
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone **2 3562**

A Cidade

Colegio Vasco da Gama
Av. Manuel da Maia (a Arroios) Telef. 44342
Internato—Semi-internato e Externato
Cursos, Primário - Liceal - Comercial - Admissão ás Faculdades.
O colegio reabre no dia 7 de Outubro e porventura com modalidades docentes de de maior vantagem para os seus alunos.

Chá das cinco

Carta de paz em tempo de guerra

Não se fala doutra coisa—horrivel coisa!—e eu compreendo, minha filha, que andes assustada e nervosa.

Diz-se que o espectaculoso alarme da mobilizaçção civil italiana será o começo da guerra, que a conquista da Etiopia é a valvula de segurança da mocidade ambiciosa da Italia, que Mussolini desafia a Inglaterra e que chegarám não sei quantos barcos de guerra a Gibraltar — a Gibraltar, lembras-te? Aquele presepio de canhões e tendas orientais que os ingleses armaram em terras de Espanha. Diz-se tudo isto, e dizem-se mais coisas, como todas aquelas coisas que o Duce—que dôce!—disse ao «Matin», e que tu leste esta manhã, porque ontem á tarde já era muito tarde, e ha coisas que não se devem ler á hora de deitar, por causa dos pesadelos. Diz-se tudo aquilo, e diz-se muito mais, e muito mais se ha-de dizer; mas deixa lá, não te assustes, não te ponhaş nervosa.

Em Genebra estão reunidos muitos homens bons que querem a paz e velam pelo nosso sossego. E em muitos paises vivem ainda homens que escaparam da Grande Guerra e que a recordam com pavor e que viram morrer outros homens que deixaram viuvas e orfãos, e pais velhinhos que estão mais perto de Deus que da terra. Era lá possivel que aqueles homens bons nos não defendessem da guerra, e que todos houvessem esquecido os seus horrores?!

Era lá possivel que tivesse sido inutil a montanha de livros que se escreveu contra a guerra; que resultassem perdidos os quilometros de filmes com as barbaridades da guerra? Não é possivel; mas, se o fosse, se os homens fossem assim tão esquecidos, tão criminosos, então, minha filha, melhor fôra que Deus nos fizesse já a graça de nos deixar morrer em paz, antes que venha a guerra.

ROGERIO PEREZ

O PORTO pelo telefone

Desastre com arma de fogo

PORTO, 20

Esta manhã, quando o guarda 1.030, Carlos Santos Teixeira, examinava uma pistola, esta disparou-se e atingiu-o no peito. Conduzido ao hospital da Misericordia, faleceu momentos depois de ali ter dado entrada.

Generos em mau estado

Por ter ingerido alimentos em mau estado faleceu hoje no hospital da Misericordia, depois de lhe ter sido feita uma lavagem ao estomago, o sapateiro Antonio de Oliveira e Silva, residente na rua da Vitoria.

OBJECTOS PERDIDOS

Encontram-se na nossa Adinistração uns oculos que ontem foram encontrados na rua Eugenio dos Santos e que serão entregues a quem provar que lhe pertencem.

"A RAINHA CRISTINA"

hoje, no Pavilhão Português

Um notavel espectaculo o de hoje, no Pavilhão Português, onde se exibe "Rainha Cristina", filme historico, com a divina Greta Garbo. Completa o programa a "Melodia Cubana", poema de amor, por Lupe Velez e Lawrence Tibett. Os bilhetes são a 1$60 e dão entrada livre no Parque Mayer.

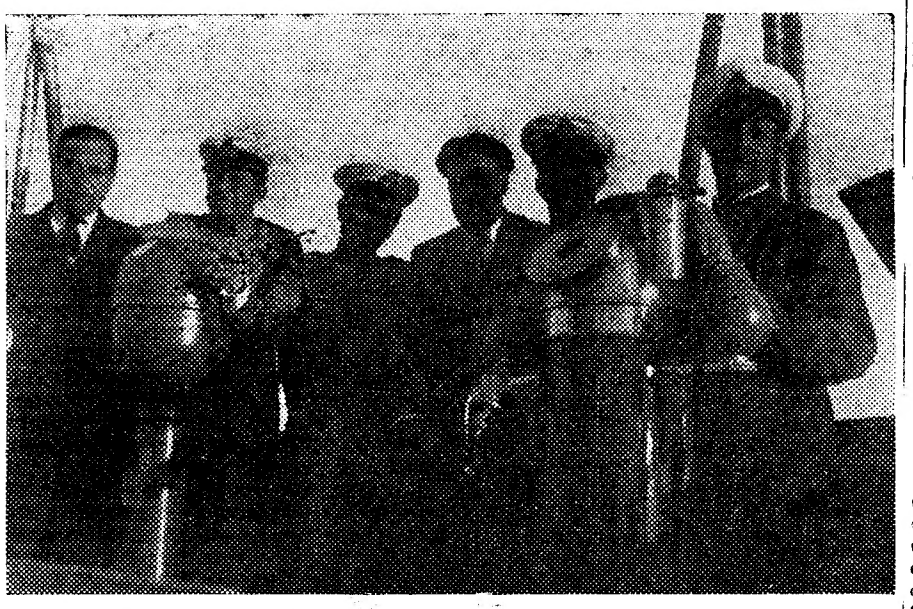
Luigi, Amaro
Cabeleireiros — Produtos de Beleza
Chiado, 47, 1.º
Regressou de Paris a nossa maçagista "Ivone", que ali foi visitar os principais nstitutos do genero.

MARINHA DE GUERRA

O "Tejo" foi ontem á costa algarvia

provando-se com as experiencias

que terá um raio de acção de 5.000 milhas

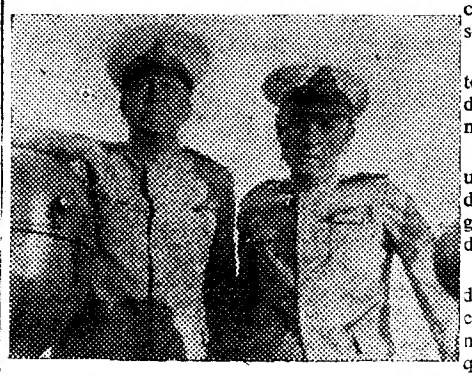


Da esquerda para a direita: *Eng. Gago de Medeiros, comandante Azevedo Franco e Alvaro Marta e oficiais da Marinha Mercante, Vicente Horta, Augusto Martins e Xavier Cordeiro*

Regressou hoje de manhã, vindo da costa do Algarve, o novo contra-torpedeiro «Tejo», que foi efectuar a prova de consumo de combustivel á velocidade de cruzeiro: 15 nós.

O navio largou ontem, pelas 9 e 45, da muralha dos estaleiros, á Rocha do Conde de Obidos, e saiu a barra, pairando a doze milhas da costa para experimentar os aparelhos de escuta submarina. A aparelhagem deste barco, mais moderna do que a dos seus similares, permite saber, não apenas a distancia a que se encontra um submarino imerso, mas ainda a direcção em que esse navio navegue, o que representa a ultima palavra no genero.

Finda esta experiencia, o «Tejo» navegou para o norte até ás alturas da Ericeira e, ás 13 horas, começou a manter a velocidade de 15 milhorarios, para a prova de consumo de combustivel, guinando então para o sul.



Os capitães de fragata Azevedo Franco, chefe da missão de fiscalização da construção do «Tejo», e Alvaro Marta, seu futuro comandante

Na ponte do comando seguiam os srs. comandantes Azevedo Franco, presidente da comissão de recepção; Alvaro Marta e Mascarenhas de Meneses, futuros comandante e imediato, e os capitães da Marinha Mercante Vicente Hortas, Xavier Cordeiro e Augusto Martins, respectivamente comandante, imediato e piloto do navio, até á sua encorporação na esquadra.

Uma vez na baía de Sesimbra, o «Tejo» efectuou algumas «corridas» no percurso de uma milha demarcado na costa e depois fez-se de rumo ao cabo de S. Vicente. O mar estava esplendido. Caía a tarde, com uma ligeira brisa do sul.

Para baixo de Sines, o «Tejo» foi «assustar» duas traineiras espanholas que, sem bandeira, pescavam nos nossas aguas. Ao verem a silhueta do barco de guerra, engrandecida ainda pelo crepusculo da tarde, tentaram fugir, mas certificaram-se de que se tratava de um navio velocissimo. Estavam perdidas... Todavia o «Tejo» seguiu seu rumo. Não estando ainda entregue ao Estado, não lhe competia promover a apreensão. E os espanhois lá ficaram, convencidos talvez, de que só enviamos barcos vagarosos, para as perseguir...

E ás 23 horas, estavamos á vista do farol potente do extremo ocidental da Europa: o cabo de S. Vicente, «onde a terra acaba e o mar começa...».

Guinámos para o norte. E' o regresso. Com uma noite fresca, o convez e as pontes quasi se despovoam... Graças á amabilidade do eng. Gago de Medeiros, o seu camarote fica á nossa disposição.

O «Tejo» fez uma viagem de regresso esplendida. Tudo funcionou admiravelmente. Os tecnicos tomaram seus apontamentos para acordar no consumo efectuado e portanto para concluir qual o raio de acção do novo barco que deve andar á volta de umas 5.000 milhas.

Ao dealbar da manhã de hoje, o «Tejo» passava de novo ao largo de Sesimbra, por entre uma frota imensa de pesqueiros, cujos tripulantes saudaram a Marinha com entusiasmo.

Era 7 horas quando, com ligeira neblina, transpuzemos a barra, metendo rio acima.

Em frente dos estaleiros, onde um mundo operario acabava de pegar no trabalho, dois rebocadores levaram-nos até proximo da doca. E depois, pelos seus proprios meios, sob a manobra habil do comandante Hortas, o «Tejo» entrou na doca.

Amanhã e domingo fazem-se os preparativos para a prova final de segunda feira: seis horas a 36 nós.

AS MANOBRAS MILITARES

O regresso das tropas

efectuou-se hoje

A' hora de sair o nosso jornal, devem estar as tropas recolhendo aos seus quarteis, desfilando pelas ruas da cidade com todos os seus contingentes, infantaria, artelharia, baterias motorizadas, trens de reabastecimento, etc.

Um quebra-gelos em perigo

BERLIM, 20.—Noticias de Moscovo dizem que se receia ali pela sorte do quebra-gelos «Sadko», o qual com uma expedição cientifica a bordo, navega nas proximidades da Terra de S. Francisco José, a dois mil quilometros ao norte do circulo artico. O barco, que ainda ha pouco comunicou a descoberta de algumas ilhas, está a ser açoitado por grandes temporais e por enormes massas de gelo. Teme-se uma tragedia polar igual a do «Cheliuskin».—(Americana).

Tentativa de envenenamento?

Continuam presos no Torel Ana Rita de Almeida e José Maria Junior, que são acusados de tentar envenenar Maria da Conceição Almeida, mulher daquele. Hoje voltaram a ser ouvidos os filhos do arguido, que na presença do pai confirmaram todas as declarações que fizeram na Polica, e bem assim outras testemunhas. Um dos pequenos acrescentou que seu pai tambem uma vez o tentou estrangular e que se não matou sua mãi, foi devido ás suas suplicas. Foram de tal ordem as declarações feitas pelo rapaz contra o pai e a amante dele, que vai tambem ser submetido a um exame no Instituto de Medicina Legal.

Sogro violento

No dia 17 do corrente deu entrada no hospital de S. José, com uma costela fracturada, Leonilde Pereira de Carvalho, travessa de S. João da Praça, 16, 1.º, suspeitando-se a principio que tivesse caido de uma janela da sua residencia á rua. O agente Pinto da Rosa, que foi encarregado de averiguar as condições da queda, apurou que a pobre mulher fôra atirada da escada da sua residencia por seu sogro, Constantino Gonçalves, após uma discussão que se travou entre ambos.

Corridas de automoveis em Espanha

S. SEBASTIAN, 20.—Ontem começaram os treinos dos automoveis inscritos para a disputa do «Grande-Premio de Espanha. Tomaram parte nos treinos carros «Mercedes», «Auto-União» e «Alfa Romeo». O piloto que fez melhor tempo foi Rosemeyer em «Auto União».—(Havas).

O furto de 1.000 libras

Vai ser enviado ás autoridades de Lourenço Marques aquele individuo que ha dias foi preso em Aveiro, acusado de ter praticado naquela provincia um furto de 1.000 libras.

O preso continua a declarar que as libras que gastou lhe foram dadas pela sua namorada, que por mais duma vez as furtara á avó.

Aspirantes a bombeiros

Os concorrentes a aspirantes do Batalhão de Sapadores Bombeiros classificados de 1 a 115 devem apresentar-se no respectivo comando até ás 9 horas do dia 23, sendo substituidos os que faltarem pelos que se lhes seguirem na ordem de classificação.

VIAJANTES

Acompanhado por sua esposa, chegou do Rio de Janeiro o sr. engenheiro Isaac Benoliel, que vem em viagem de recreio.

No TIVOLI: O maior êxito do cinema português de todos os tempos!
AS PUPILAS DO SR. REITOR
Tudo o que ha de belo e de pitoresco em Portugal num filme de primeira categoria!

ESCRITA A' MAQUINA
O melhor ensino
Sala separada para as alunas. Professoras especializadas.
Escola Comercial Portugueza
por correspondencia
Rua do Arsenal, 54-3.º

A Cidade

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons produtos ceramicos de
TODOS OS GENE OS PARA TODOS OS USOS
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro. Portimão e etc.
A CERÂMICA QUE H NR' O BAIZ!

UM DOCUMENTO IMPORTANTE

A declaração politica do chefe do Govêrno

acêrca de alguns problemas nacionais, da ordem publica e das directrizes da nossa politica interna e internacional

Os nossos colegas da manhã tiveram, como de costume, a primazia da publicação duma extensa nota que o sr. presidente do Conselho forneceu ontem á Imprensa acêrca do actual momento politico.

Trata-se dum documento notavel em que o sr. dr. Oliveira Salazar expõe ao país, com a sua habitual clareza, as circunstancias em que ocorreu a ultima tentativa de alteração da ordem publica, as razões que a determinaram, as directrizes que orientam a actual situação, a missão que compete ao Exercito como elemento da politica externa e colonial, as bases em que deve assentar essa politica, os problemas financeiros que preocupam o governo e bem assim a momentosa questão economica, os problemas de defesa nacional e a situação do funcionalismo civil.

O sr. presidente do Conselho abre a sua exposição com estas palavras:

«Muitas das afirmações desta exposição devem aparecer dentro de poucos dias completamente deturpadas, se não voltadas do avêsso, nos estreitos circulos agitados da vida politica portuguesa; mas os homens de boa fé sabem que lhes falo sempre com perfeita sinceridade.

«A tentativa de alteração da ordem publica na ultima semana, a especulação feita á roda de algumas medidas do governo, a pesada atmosfera internacional, os boatos postos a correr acêrca das colonias de Africa, os trabalhos pendentes e as providencias que no seio do governo estão recebendo a ultima demão tornam excepcionalmente oportunas certas considerações: espero ser claro como sempre, mas desta vez deverei malguns pontos ser mais concreto do que nunca.

A questão policial

Referindo-se propriamente á *questão policial*, declara acêrca do ultimo golpe revolucionario:

«Não temos que estranhar nem a heterogeneidade dos elementos comprometidos na conjura, nem a propria agitação revolucionaria, nem que aparecessem tão poucos no momento decisivo, nem mesmo os motivos de ordem pessoal para a acção dos conspiradores. Um dia que o interesse publico o exija faltar-se-á á caridade no necessario, e ha de expôr-se caso por caso, e com os nomes, a situação economica, social ou juridica dos egregios conspiradores: este não pode dentro das leis existentes obter a sua promoção desejada, aquele está envolvido em processo que corre seus termos nos tribunais comuns, aquel'outro tem responsabilidades graves apuradas em sindicancias ou inqueritos, um quarto endividou-se e está sendo executado, um quinto não foi feliz em pretensões apresentadas ao Poder, um sexto... enfim todos, como se verá.»

Acrescenta que a agitação revolucionaria «passou ha muito do plano nacional para o plano internacional», deixando supôr que algum país está interessado em «reinstalar de novo a desordem em Portugal».

Assim explica o sr. presidente do Conselho que as perturbações e conjuras se dêem á direita e á esquerda, tendo cada grupo «a secreta intenção de eliminar os restantes, depois de lhes aproveitar o concurso».

A questão politica

Acêrca da questão politica, o sr. dr. Oliveira Salazar escreve:

«Por trás dos assaltantes da Penha de França, como por trás da agitação dos ultimos anos, está certo numero de oficiais poucos, segundo creio, muitos, segundo eles proprios afirmam—que tomaram sobre si, sem qualquer procuração conhecida, nada menos que a representação do Exercito e a representação do verdadeiro pensamento do *28 de Maio*. Daqui vem falar-se de quando em quando na necessidade de se constituir um governo militar ou de se estabelecer, na sua pureza primitiva, a ditadura militar.»

O chefe do governo filia esse desentendimento em dois ou três principios fundamentais, a saber: o conflito entre a força e a violencia. Dum lado os partidarios da violencia, os descontentes. Do outro, os amigos da força legal, entre os quais se inclui o sr. dr. Oliveira Salazar, que declara ter sido sempre «contra a violencia no governo», por três razões fundamentais:

«Primeira: as lições da experiencia. Nenhum governo de violencia pôde durar em Portugal e varios terminaram em bem tragicas circunstancias. A' sentimentalidade do povo português—grave defeito para além de certos limites, mas defeito com que ha de contar-se—repugna a violencia erigida em sistema de governo, e não tem havido maneira de resistir, em face dêsse povo, quer ao eu desprezo quer á sua revolta.

Segunda razão: nós não temos mesmo possibilidade de nos aguentarmos na violencia durante muito tempo, porque, por intervenção dos proprios violentos, as penas não são cumpridas, ao degredo segue-se a repatriação, ás demissões as reintegrações nos antigos lugares. Os que entre nós quasi pedem a pena de morte são os primeiros tocados pelo espirito de camaradagem, pelas considerações de ordem familiar, pela predisposição para acreditar no arrependimento e nas promessas de não reincidencia e levados a pedir reformas ,pensões e amnistias. Só a seguir a 1932 se puderam começar a manter com mais firmeza as deliberações iniciais.

Terceira razão: é uma razão de ordem moral. O governo (ou a Assembléa) define os principios legais, mais ou menos rigidos e apertados, conforme as circunstancias. Mas ele proprio deve conformar-se absolutamente com as regras estabelecidas, aliás não ha para os individuos e as colectividades respeito pelos seus direitos, e as instituições oscilam á mercê das simpatias, caprichos ou influencia pessoais.»

O segundo conflito é entre a politica e a administração. Segundo afirma, «a politica matou durante muitos anos a administração». As coisas tomaram novo rumo e os interesses feridos procuraram ,por todos os meios, bastar á acção do governo.

Outro aspecto dêste conflito consiste na dificuldade de conciliar a improvisação, a que estavamos habituados, e o espirito de sistema que se começou a pôr em prática, a que o sr. dr. Salazar chama «o conflito do governo com os serviços e com a Nação».

«O terceiro conflito é sôbre a constitucionalização da revolução nacional, o que trouxe naturalmente consigo ser deslocado o eixo das forças politicas da situação».

Enquanto o sr. dr. Oliveira Salazar entende que «a Constituição é a maior garantia de se consolidarem e frutificarem os principios fundamentais do sistema», outros «quereriam que a Ditadura continuasse um pouco oscilante e incerta, mesmo com risco de lhe alterarem as grandes directrizes simples substituições das pessoas do governo».

Constitue-se, portanto, para ordenar a vida do Estado, uma força politica independente do Exercito, sendo a acção dêste ou dos seus membros deminuido na marcha dos governos.

O sr. presidente do Conselho declara que esta consequencia não foi intencional e obedeceu apenas a um alto pensamento do governo.

A questão militar

Fazendo o «28 de Maio», acrescenta o sr. dr. Oliveira Salazar ao ocupar-se da questão militar, «o Exercito foi o interprete da vontade nacional».

A principio, tomou sobre si, por deficiencia de outros elementos, encargos e responsabilidades de governo; mas, «salvo nos primeiros momentos em que o governo aparece emanado da força revolucionaria e em que se reivifica a intervenção directa do Exercito, este não podia ser responsabilizado pela marcha da coisa publica, nem pela constituição dos governos, nem pelo exercicio da autoridade».

E mais adiante:

«Não é, de facto, essa a sua função. O Exercito existe para manutenção da ordem e defesa da integridade da Patria; é, como tal, elemento dominante de politica externa».

O sr. presidente do Conselho estabelece o quadro dessa politica antes e depois do «28 de Maio» e termina este capitulo da sua exposição preguntando se a reorganização e o prestigio do Exercito são compativeis com a sua intervenção directa na politica interna ou se, pelo contrario, não convem ao interesse nacional libertá-lo e libertar o mais possivel os seus membros de preocupações que não sejam os da preocupação moral e tecnica em ordem á defesa da Patria.

O chefe do governo afirma que não tem — nem nunca quiz ter — nenhuma milicia ou força armada com que possa apoiar este pensamento governativo, e por isso ele não vale nada, se o Exercito o não perfilhar.

E acrescentou: «No dominio dos factos ou da força material, o Exercito pode impôr, se quizer, outra directriz». Entretanto, é levado a «não tomar como representação do Exercito português e legitima expressão da sua vontade as manifestações em contrario dalguns oficiais, por mais valorosas e graduadas que sejam».

A politica externa

O sr. presidente do Conselho afirma que a nossa situação internacional internacional é a melhor das ultimas decadas. «Estamos em Genebra de mãos limpas e coração puro e diz, e estaremos enquanto a S. D. N. possa garantir a paz sem prejudicar a defesa».

Acrescentando que somos, sobretudo, uma potencia atlantica, presa pela natureza á Espanha, politica e economicamente debruçados sobre o mar e as colonias, o sr. dr. Oliveira Salazar resume deste modo a nossa politica externa:

«Nestas condições sente-se que a linha tradicional da nossa politica externa, coincidente com os verdadeiros interesses da Patria portuguesa, está em não nos envolvermos, podendo ser, nas desordens europeias, em manter a amizade peninsular, em desenvolvermos as possibilidades do nosso poderio altantico.

Para nos podermos dedicar a este ultimo, nós desejamos tão amigaveis e cordiais relações com a Espanha, que desapareçam desse lado todas as desconfianças e preccupações. Não só no campo economico se podem desenvolver muito as relações entre Portugal e a Espanha, mas ainda no campo politico parece não ter hoje aquela nação nenhum interesse contrario aos interesses portugueses; dado que a nossa plena independencia, para a realização dos nossos destinos no mundo, tem de ser axioma fundamental da politica espanhola. Nesta base temos o campo aberto par. entendimentos mutuos.

Nasceu, ainda, do mesmo caracter de potencia atlantica a aliança inglesa que interesses comuns têm mantido através dos seculos, sem sofrer as vicissitudes das ligações deste genero. Aos que me preguntam se acredito na Inglaterra e na aliança inglesa respondo francamente e sinceramente que sim, em primeiro lugar porque acredito na palavra dos homens e dos povos, quando não tenho factos que me levem a considerá-la mentirosa, em segundo lugar porque mesmo sem falar nos estreitos laços de amizade e comunidade de interesses portugueses e britanicos é de tal modo evidente que de cá e de lá se ha de impôr por muito tempo aos homens de governo. Quando estivermos bem compenetrados de que a aliança com a Inglaterra não é nem uma tutela nem uma fiança da nossa acção politica interna ou externa, não recearemos as atitudes equivocas ou subservientes nem a deminuição da nossa acção internacional, antes havemos de trabalhar por valorizar ao máximo aquele apreciavel instrumento politico: visto que temos de dar, havemos de saber exigir».

A questão colonial

Acêrca da questão colonial, o sr. presidente do Conselho refere-se aos boatos que ultimamente correram para afirmar que «um dos pontos salientes da aliança inglesa é o reconhecimento e a defesa da integridade das nossas colonias» e que, tanto em Roma, como em Londres, as entidades oficiais desmentiram categoricamente esses boatos.

«Pôr em duvida, acrescenta, as declarações dos governos estrangeiros é ter em muito pouca conta a seriedade e a dignidade do poder nas respectivas nações».

«As manifestações do nosso patriotismo, esclarece ainda, providencialmente sempre atento e vigo, não podem ser de molde a poder-se deduzir que nós proprios não temos bem a certeza dos nossos direitos, nem a força para os fazer respeitar».

A politica financeira

Dizendo que «o país sente orgulho

(Vêr continuação na 9.ª pagina)

Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal

Vinhos da colheita de 1934

Avisam-se os vinicultores da área desta Federação, que devem, — para seu interesse —, manifestar IMEDIATAMENTE e com rigor, as quantidades de vinhos da colheita de 1934 que ainda tenham para venda.

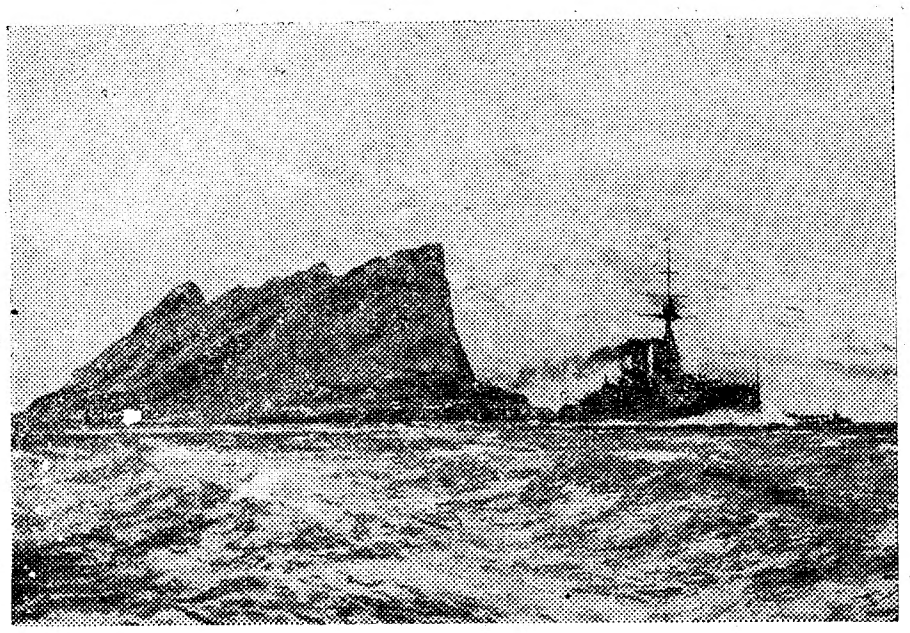
Os boletins necessários para êstes manifestos podem ser requisitados aos Srs. Regedores de Freguesia e aos Grémios dos Vinicultores e devem ser entregues devidamente preenchidos nos mesmos locais onde fôrem requisitados até ao dia 26 do corrente.

Lisboa, 19 de Setembro de 1935.

UMA VISAO APROX

Como se desenvolveriam os primeiros

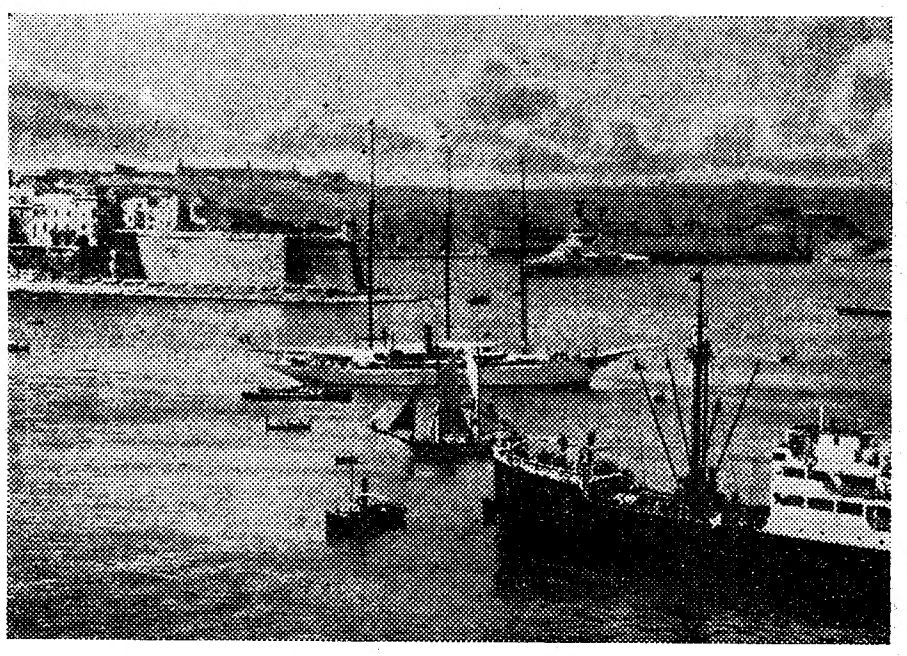
no caso de se abrirem as hos



Gibraltar, que os proprios ingleses classificam como a chave ocidental do Mediterrano, representa na verdade, pela sua situação geografica, uma das mais fortes posições militares da Inglaterra no mundo.

No seu aspecto exterior, Gibraltar contrasta em absoluto com Malta. Pela escarpa abrupta do morro imenso, adivinham-se, mas não se descortinam, poderosas baterias de todos os calibres e postos de comando electrico para provocar o rebentamento de torpedos fixos e minas na bôca do estreito, dificultando o seu forçamento.

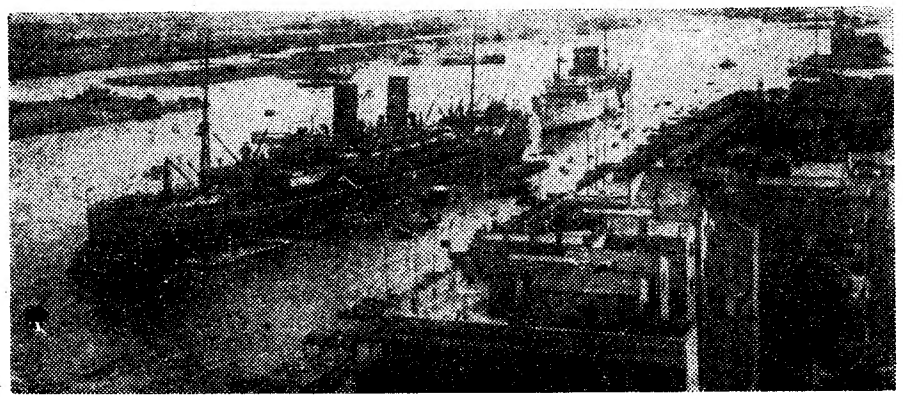
Uma vegetação intensa, distribuida estrategicamente, oculta aos olhos do inimigo, as verdadeiras posições, cuja destruição traduziria um rude golpe no prestigio da Inglaterra nos mares.



Malta é um reducto da Inglaterra no meio do Mediterraneo, o miradouro da sua segunda grande esquadra, ponto estrategico de onde irradia toda a acção de uma parte consideravel da «British Navy».

La Valette, a pequena capital da ilha, é uma cidadesinha toda ela dentro de uma fortaleza, de cujos parapeitos olham o mar ou o ceu, canhões de grande alcance ou anti-aereos, cujo valor parece ser ainda todavia insuficiente para garantir a invulnerabilidade da historica posição.

Mais de metade da area do porto está permanentemente vedada á navegação de comercio e, a maior parte dos molhes é privativa do Almirantado.



O Canal de Suez, corredor precioso que assegura as estradas maritimas da Inglaterra, entre o Ocidente e o Oriente, representa por isso mesmo uma das suas mais fortes preocupações no momento presente.

Com entradas estreitas e de pouco fundo, a defesa do Suez obtem-se mais facilmente por meio de uma simples e rapida obstrução, do que pelo sacrificio de vidas, numa luta cuja duração é sempre dificil prever.

Em poucos minutos, o afundamento de dois ou três navios de razoavel tonelagem fechará á Italia o caminho da Somalia e da Eritreia.

Por outro lado, o encerramento de Gibraltar, tornará, de facto, impossivel aos navios de Mussolini a comunicação com os pontos que mais interessam presentemente á Italia.

A perspectiva duma guerra entre a Inglaterra e a Italia, não se apresenta hoje como uma fantasia louca, mas sim como uma hipotese perfeitamente verosimil, dadas as providencias que um e outro país têm tomado nos ultimos dias, sem tentarem sequer encobrir as suas intenções.

Um tecnico militar, estudando cautelosamente as possibilidades italianas e britanicas conseguiu mesmo dar-nos já uma visão dos acontecimentos que se desenrolariam se as forças dos dois países entrassem em luta.

O principio do conflito dar-se-ia, segundo essa previsão, dentro de pouco tempo, alguns dias ou semanas o maximo, pela invasão da Abissinia pelas tropas italianas, que originaria uma imediata concentração em Port-Said, da esuadra inglesa do Mediterraneo, já reunida entre Alexandria e a ilha de Chipre. Ao mesmo tempo, as tropas que se encontram naquela cidade seriam enviadas para a fronteira da Cirenaica, enquanto as esquadrilhas da Palestina seguiriam para o Cairo. Sôbre a região do canal do Suez, neste primeiro dia, registar-se-ia uma forte actividade da aviação britanica.

A Italia, por seu lado, dando conta dos largos movimentos efectuados pelas forças britanicas, concentraria a sua armada na Sicilia e na Sardenha, respectivamente nos portos de Augusta e Cagliari. As bases das forças aereas estabelecer-se-iam, parte naqueles dois portos e outra parte em Roma e Napoles. Em Messina desembarcariam duas divisões de infantaria.

A Italia daria os primeiros tiros

Os primeiros tiros seriam disparados na madrugada do terceiro dia, por uma divisão aerea italiana, que bombardearia Malta, ilha sobre a qual as forças navais italianas lançariam tambem a metralha dos seus canhões.

No dia seguinte, Gibraltar seria fortemente atacada por uma esquadra, constituida por couraçados, cruzadores e submarinos, apoiada pela sua aviação privativa.

As guarnições de Malta e Gibraltar, duramente experimentadas pelo fogo constante dos italianos, não abandonariam as suas posições durante cinco dias. Na tarde do quinto dia, porém, um batalhão italiano acabaria por desembarcar na primeira cidade, que durante a noite cairia por completo em poder das forças de Mussolini.

Seguidamente, uma esquadra italiana ocuparia Creta, ao mesmo tempo que outra, abandonando Gibraltar, que ficaria apenas vigiada pelos submarinos, se dirigiria para Benghasi, na Cirenaica.

Em Tobruch, Djaraboub e Apolonia, estabelecer-se-iam forças aereas de Italia, cuja infantaria, embarcada em Messina e Siracusa, seria enviada para a região de Amseati, Ijaraboub e Giolo.

Levariam uma semana estes movimentos de tropas e, ao fim dêse tempo, os italianos tomariam a ofensiva contra as forças anglo-egipcias, na fronteira da Cirenaica.

O Estado Maior inglês ordenaria uma concentração de tropas na região de Alexandria, Cairo e Port-Said, mas, dada a impossibilidade de se atravessar o estreito de Gibraltar, barrado pelas minas submarinas, as tropas seguiriam o seguinte itinerario: Bruxelas, Colonia, Stuttgart, Munich, Bucareste, Constantinopla, Chipre e Jaffa. As forças aereas do Irak seriam transferidas para Port-Said. O exercito britanico constituiria três divisões, com séde em Alexandria, Cairo e Port-Said.

A esquadra naval italiana surgiria, entretanto, de surpresa, diante de Atenas e de Rodes, e uma esquadra aerea, seguindo por Atenas, Rodes, Alexandrette, Beyrouth e Meca, dirigir-se-ia á Eritreia. O comando geral das tropas na Etiopia seria confiado ao marechal Bedoglio, ali chegado de avião.

Os italianos bloqueados pelos ingleses

Os ingleses promoveriam o bloqueio das costas da Eritreia e da Somalia italiana no qual tomaram parte as forças navais de Aden e de Singapure.

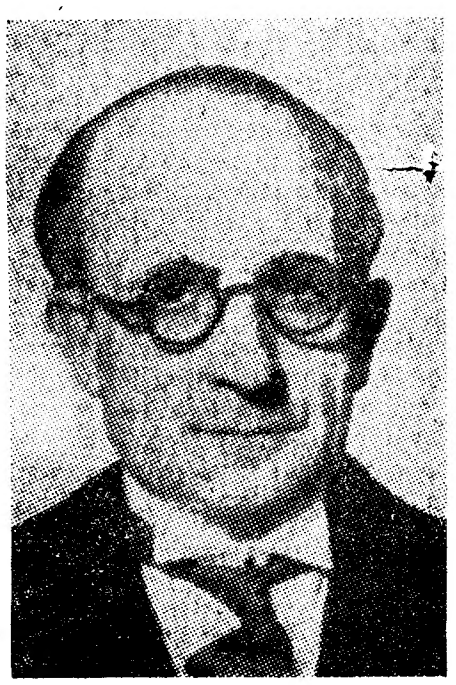
Poucos dias após esta resolução, os aviões italianos bombardeariam Aden, sem grandes resultados.

Mais uma semana e as forças britanicas do Alto Egipto, reforçadas por elementos vindos do sul, tomariam o primeiro contacto com as italianos, nas imediações do Lago Tsana.

O comando geral do exercito italiano na Etiopia, que ordenaria nessa altura a ofensiva geral contra os ingleses, procuraria, ao mesmo tempo, reunir-se ás forças saidas do norte da Somalia, ocupando parte da via fer-

OS HOMENS DO DIA

Salvador



Nas «Meditaciones del Quijote» lê-se que todo o genio espanhol parte do caos como se nada, antes dele, tivesse existido.

Nestas palavras está resumida a tragedia da vida de Espanha: esforço de desintegração, por um lado; por outro, tendencia para a assimilação. Seria incompreensivel como diz José Ortega, desprezar esta virtude; mas seria igualmente nescio, acreditar que ela basta.

Quando no fim do seculo XIX, liquidada no desastre a epopeia colonial, a nação procurou defrontar as realidades, de que se não tinha apercebido, encontrou apenas para se redimir o sistema das profecias que o seu desvairamento gerara. As ilhas perdidas, afundada a esquadra de Cervera, roidos os expedicionarios pela febre amarela, a Espanha tinha de escolher entre uma atitude de isolamento e um esforço de cultura.

Os novos valores que surgiam, tinham que travar o combate pela dignificação nacional. Os contrastes antigos revelaram-se, porém, logo na ansiedade de renovação que a todos dominava.

Ao lado de Ganivet, vincando os traços originais da civilização patria, estava Joaquim Costa, incitando os seus

IMADA DA GUERRA

combates entre a Inglaterra e a Italia

ilidades entre as duas nações

rea de Addis-Abeba a Djibuti. As tropas começariam nesta altura a sofrer as inclemencias do clima e a lutar com dificuldades de reabastecimento.

A «Home Fleet» colabora no bloqueio do Mar Vermelho

Entretanto, a divisão da batalha da Home Fleet, num total de oito navios de linha, depois de se reabastecer, na cidade do Cabo, chegaria, com um mês de viagem, a Aden, onde iria completar a eficacia do bloqueio realizado pelas forças navais que ali se encontravam.

A Italia, que ao principio parecia trilhar com segurança o caminho da vitoria, começaria a encontrar fortes obstaculos.

Na Somalia inglesa desembarcariam forças da Home Fleet, que, juntamente com os elementos locais e a aviação, desenvolveriam uma ofensiva, tornando impraticavel a junção dos dois corpos do exercito da Eritreia e da Somalia italiana, o que obrigaria o marechal Badoglio a ordenar a paragem da ofensiva que anteriormente resolvera desencandear.

O marechal Balbo, comandando o exercito italiano da Cirenaica, conseguiria, sob a protecção de Armada e da Aviação, chegar até junto da frente inglesa fortificada, de Alexandria ao Cairo, fixando a ofensiva geral para a madrugada do dia seguinte.

O ataque seria desencadeado por dois grupos de tropas um, apoiado pelo fogo de navios e aviões teria como objectivo principal a conquista da Alexandria—e outro, com menos importancia, tentaria alcançar o Cairo. Uma outra esquadra de Mussolini, dispondo de forte aviação, e apoiada por submarinos, procuraria inutilizar a esquadra inglesa em Abukir ou Port-Said.

O malôgro da ofensiva italiana

A ofensiva italiana resultaria um verdadeiro malogro, não perdendo as forças anglo-egipcias as suas principais posições.

A aviação britanica desenvolveria então um intenso bombardeamento das bases aereas italianas, onde se registariam muitas perdas.

Ao largo da Alexandria os ingleses causariam sérias avarias a uma parte da Armada italiana, que teria de retirar.

Outra parte da esquadra italiana apareceria ao fim dêsse dia em frente de Abukir ,onde sofreria um ataque durissimo dos navios de linha britanicos, vindos de Chipre, combinados com a Aviação.

Uma ordem emanada do comando supremo das forças obrigaria o regresso imediato a Malta, que se efectuaria sobre a metralha inimiga.

A Italia principiaria então a desesperar. As suas forças, que teriam infligido pesadas perdas aos ingleses, teriam sofrido por sua vez, em terra, no mar e no ar, perdas de tal maneira decisivas que Mussolini se veria obrigado a assumir pessoalmente o comando de todas as forças em operações, para ver se conseguiria ainda salvar a nação que nele confiara.

Esta visão duma guerra proxima, composta de acôrdo com as indicações iniciais fornecidas pela natureza e caracteristicas dos exercitos em presença, procura mostrar todos os inconvenientes gravissimos que o desencadear das hostilidades acarretaria.

A supremacia britanica nos mares havia de fazer-se sentir, se não nã primeira hora, naquelas que se seguissem aos exitos italianos necessariamente episodicos.

A recordação da batalha de Jutlandia devia andar bastante viva na memoria dos homens, para que eles se não esquecessem de que a Inglaterra existe.

A sua força deriva, em boa parte, da sua serenidade. Esta não a perdeu ainda o gabinete de Londres. Mas é evidente que as autoridades militares e, sobretudo o almirantado, já tomaram providencias que devem andar um pouco proximas das iniciativas. Do terreno puramente politico o assunto começa a resvalar para o campo militar. As lições dum futuro que não anda afastado, diz-nos que toda a vigilancia se justifica em torno deste acontecimento de projecção mundial que é o diferendo italo-britanico.

Quereria Mussolini levar, até ás ultimas consequencias, a sua irredutibilidade? A ultima palavra da Inglaterra está dita: o caminho de Addis-Abeba não está desimpedido e o Pacto da Sociedade das Nações será respeitado. Disso são garantia todas as forças do imperio.

As gravuras que publicamos nesta pagina procuram dar uma idéa das diversas fases das operações, a que se refere o nosso artigo.

Madariaga

compatriotas a redimir-se pelo contagio das novas correntes do pensamento mundial; e com Unamuno, afirmando os valores castelhanos, encontrava-se Ortega y Gasset, o chefe de fila da nova geração advogando a europeização do país.

Salvador Madariaga colocado no ponto crucial em que as diversas correntes procuravam uma concretização eficaz, procurou caldear, na sua obra de critico e de pedagogo, as tendencias contraditorias que iluminavam a paisagem do pensamento espanhol.

A literatura tentava-o, mas apenas como instrumento de um sonho alto de rehabilitação colectiva, posta ao serviço da difusão das idéas que o seu espirito adoptava. Uma larga convivencia dos grandes centros de cultura modelou-lhe a inspiração original, dando-lhe transparencia e disciplina. e a civilização anglo-saxonia, impregnando-o profundamente, acabou por dominar até a essencia da sua formação moral.

Em Espanha soprava um vento de transformação nas universidades e na Imprensa, mas faltava, ao movimento que se adensava, uma projecção externa que o explicasse suficientemente

Coube essa tarefa, delicada e essencial, a Salvador Madariaga.

A Republica proclamada e a Sociedade das Nações instituida, foram os instrumentos que a sua vontade aproveitou para dar novamente á Espanha uma missão mundial. Genebra revelou-se o meio propicio para a demonstração cabal da sua capacidade.

Pela sua voz, a Espanha, que encerrava o ciclo da actividade colonizadora e da expansão ultramarina, trazia ao convivio internacional a lição de uma experiencia secular e dum desinteresse politico absoluto.

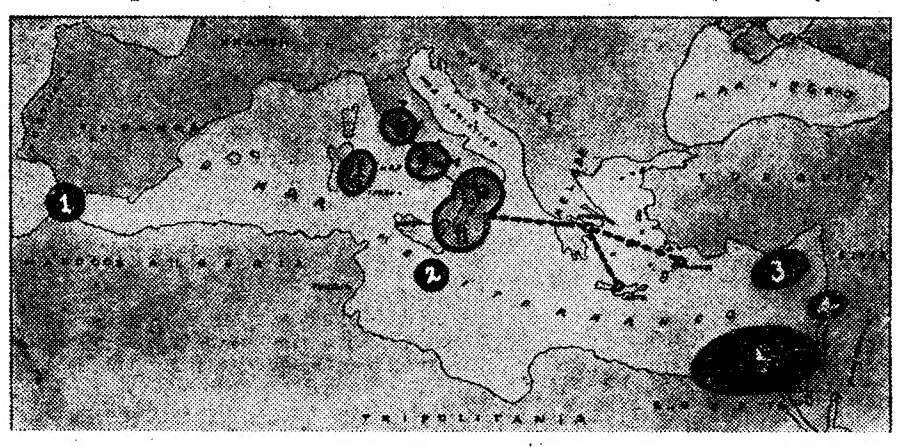
Salvador Madariaga, que em Paris suportou alguns dissabores compreensiveis, tem-nos visto fartamente compensados pelas provas inequivocas de consideração e respeito que os meios genebrinos deram sempre pela sua vigorosa personalidade.

Presidente da Comissão dos Cinco, encarregada pelo Conselho de encontrar uma formula capaz de evitar o conflito italo-etiope, a sua acção tem-se desenvolvido num sentido conciliador que justamente sabem apreciar os verdadeiros amigos da paz.

Mesmo que ela resulte improficua, Salvador Madariaga terá cumprido o seu dever, honrando o nome de Espanha e o organismo de cooperação internacional a que pertence.

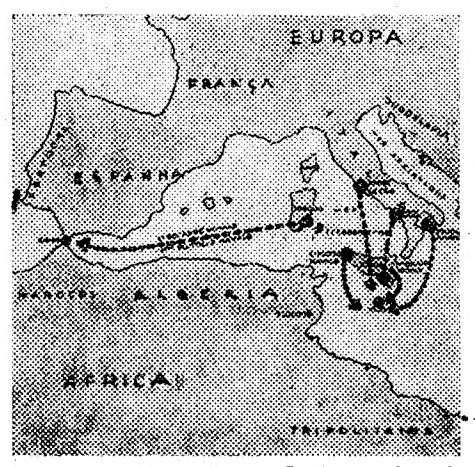
O governo da Etiopia está a estudar neste momento as propostas da Comissão dos Cinco. Na nossa gravura vêem-se os conselheiros do imperador, entre os quais figuram, ao centro, o ministro dos Negocios Estrangeiros, á esquerda, em segundo lugar, o titular da pasta da Guerra, e á direita, em penultimo lugar, o ministro do Interior.

Como podem desenvolver-se as operações

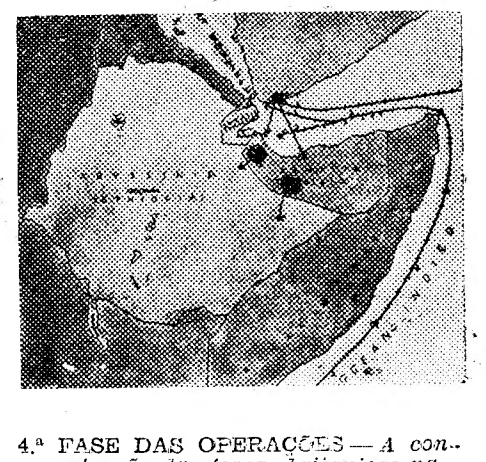


1.ª FASE DAS OPERAÇÕES — *Concentração das forças navais e aereas da Inglaterra e da Italia no mar Mediterraneo. As manchas negras representam as forças britanicas concentradas em Gibraltar* (1), *Malta* (2), *Chipre* (3), *Palestina* (4), *e Egipto* (5).

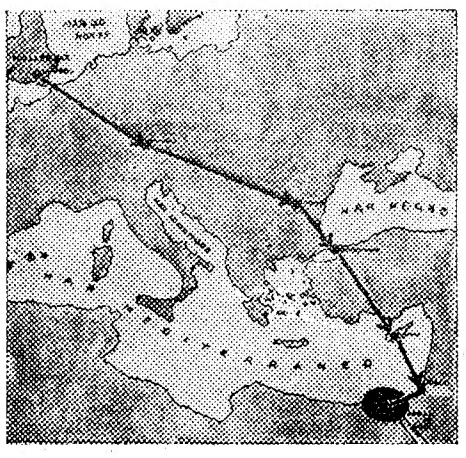
As outras manchas representam os pontos da concentração italiana, operada na Sardenha (6 e 7), *em Roma* (8), *Napoles* (9), *Calabria* (10) *e Sicilia* (11).



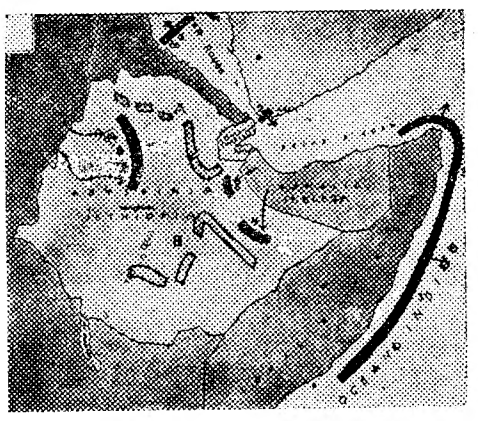
2.ª FASE DAS OPERAÇÕES—*O ataque dos italianos a Malta e a Gibraltar. As linhas tracejadas indicam a marcha das forças da Italia para alcançarem as posições previamente destinadas.*



4.ª FASE DAS OPERAÇÕES — *A concentração das forças britanicas na Somalia inglesa. As linhas cheias indicam a marcha dos navios ingleses, desde o Indico ao mar Vermelho*



3.ª FASE DAS OPERAÇÕES — *A concentração do exercito inglês do ar no Egito, e a trajectoria seguida por ele através da Europa para atingir aquele país que viria a ter um papel decisivo nos acontecimentos*



5.ª FASE DAS OPERAÇÕES.—*A batalha travada na Etiopia entre as forças britanicas (manchas negras) e as forças italianas comandadas por Badoglio (manchas mais claras)*

T. S. F.

Só até o fim dêste mês, no sensacional sistema de vendas de propaganda dos rádios WESTINGHOUSE, se pode conseguir um receptor da mais alta categoria técnica por

APENAS 100$00

Peça hoje mesmo esclarecimentos

HERTZIANA, L.DA
Rua Augusta, 280 Telef. 2 1618

Não ha nada
que pague um bom criado
Nem ha nada
que pague um bom café!
O criado inteligente gosta de servir o café
d'A Mariazinha
porque já sabe que a gorgeta é dobrada...
Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(á igreja de S. Domingos)

Depressa... o APYROL

Este maravilhoso produto científico suprime imediatamente a dôr das queimaduras, causadas pelo fôgo, sol, etc. Cura-as e evita que empolem. Igualmente eficaz nos golpes e contusões.

Apyrol
REGENERA E VITALISA A PÉLE

Dep. excl.: Raul Vieira, Lda.. Rua da Prata, 51, 3.º—LISBOA

Francisco Luiz Espêto
FALECEU

Viuva, filhos, pais e irmãos, e mais familia participam o falecimento de seu esposo, pai, filho e irmãos, e que o funeral se realiza amanhã, 21, pelas 16 horas, da rua dos Arneiros, n.º 2, para jazigo no cemiterio de Benfica.

A cargo da AGENCIA ADRIÃO—Benfica

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

Por ocasião da grande feira franca anual de Viseu—que consta de diversos e interessantes certames agricolas, industriais e festivos,—de 8 a 30 de setembro, a Companhia Nacional de Caminhos de Ferro organiza um serviço especial, com bilhetes a preços excepcionalmente reduzidos válidos para uma viagem de ida e volta de Santa Comba Dão e da Figueira da Foz a Viseu, durante o periodo da feira.

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Silvia Belford Ramos, D. Maria da Assunção de Sousa Coutinho (Penafiel), D. Judite Lopes Ferreira Pedroso de Lima, D. Maria Constança de Mendonça da Silveira, D. Julia Flavia de Moura e Silva e D. Maria Ozorio de Vasconcelos Pereira da Silva.

CASAMENTOS

Com a maior intimidade, realizou-se hoje na igreja do Asilo das Cegas, á rua do *Seculo*, o casamento da sr.ª D. Simone Leonie com o nosso querido amigo sr. Diniz de Melo Manuel Bordallo Pinheiro, ilustre director do nosso colega «Jornal do Comercio e das Colonias», tendo servido de madrinhas as sr.as D. Cristina de Melo Manuel Bordallo Pinheiro, mãi do noivo e D. Maria de Melo Breyner Andresen, que se fez representar por sua cunhada a sr.ª D. Julia de Castro e Almeida de Melo Breyner e de padrinhos os srs. dr. Eduardo Ortigão Burnay e Pedro Bordallo Pinheiro, irmão do noivo, presidindo ao acto o prior das Mercês, reverendo dr. Marques dos Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução e lançou a benção.

A CARIDADE

Na Ericeira

E' amanhã á noite que se realiza no Casino da Ericeira, a recita de caridade, a favor dos pobres em que será representada por um brilhante grupo de amadores, pertencentes ás principais familias que ali se encontram passando o verão, a revista em dois actos e cinco quadros «Não vão na fita», original dos srs. dr. Ernani Silva Reis e Antonio Simões Ferreira, com muisica coordenada pelos autores e alguns numeros da autoria do sr. Fernando von Witting da Silva.

Esta revista repetir-se-á na noite de segunda-feira, com o mesmo fim.

ESTORIL ELEGANTE

Como prometemos damos em seguida a nota da assistencia, á elegante festa «Estoril elegante» realizada na noite de terça-feira, no Casino Estoril, organizada pelos cronistas mundanos da Costa do Sol e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da oMta Marques:

Senhora de Le Roy, D. Lucrecia Oliveira Cesar e filhas, senhora do dr. Gutmendez, condessa de Hemmezel, D. Josefa Contreiras,, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Adelina Santos, D. Maria del Carmen Maquiera de Borbon, D. Maria Tereza Briffa Raposo Espargosa e filhas, D. Maria de Castro Ferreira de Almeida, D. Stela Belmarço da Costa Santos, D. Horamina Pereira Cardoso, D. Berta Goulart Caldas Forte, D. Alice Sousa Melo, D. Ida Xavier de Brito Barata, D. Maria Emilia de São Palo da Costa Pinto, D. Julia Ribeiro da Cunha, D. Maria Gabriela Goulart Caldas Forte, D. Laura de Sousa Madureira Osorio, D. Ana Laboreiro de Mira Mendes, D. Cristina de Magalhães Monteiro de Carvalho, D. Irene Anes Caro de Sousa, D. Maria Arantes Pedroso Santos, senhora do capitão aviador Arantes Pedroso, D. Carmen Correia Leite Belmar da Costa, D. Maria Amelia Santa Rita Gomes Neto e filha, D. Berta de Faria Pinto Rodrigues e filha, D. Rita de Barros e Sá, D. Margarida Neto, D. Maria Helena Morais Cardoso de Meneses, D. Maria Isabel de Sousa Martins Braga e filha, D. Maria Helena Bastos Gonçalves, D. Sofia de Campos Henriques de Almeida Costa, D. Ida Fragoso Alcobia, D. Ana Nunes de Carvalho da Mota, D. Palmira Maldonado Fuschini, D. Maria Paiva de Andrade de Morais Cardoso, D. Rita de Barros e Sá Contreiras, D. Maria Luiza Malheiro de Morais, D. Maria Dargend Pereira Caldas, D. Maud de Mendonça, D. Vana da Fonseca de Barros Gomes, D. Maria del Pilar Benito Garcia Salazar de Sousa, D. Tomaria Ereira, D. Felicia Cardim, D. Julia de Abreu, D. Maria Tereza Chagas, D. Margarida Borges de Sousa Duarte Ferreira, D. Maria Borges de Sousa Estacio, D. Estrela de Carvalho Papuim, D. Belmira Santos, D. Raquel Pereira e filhas, D. Maria Justina Teixeira Bastos Neves Pereira, D. Maria Henriqueta Ferreira Deusdado, D. Emie Polnay de Castelo Lopes, senhora de Cordier, D. Berta Rosa Limpo Sena, senhora de Schimith, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Maria Luiza Bramão Reis do Carmo e Cunha, Felismina de Sousa d'Eiró, D. Elisa Andresen Guimarães e filha, D. Maria Monteiro Alves, D. Maria da Conceição Paraiso Mourão, D. Maria Antonia de Sousa Pires Rebelo, D. Maria Franco dos Santos de Castelo Branco, D. Clara Abudarahm Buzaglo e filha, D. Merita Abudarahm Abecassis e filha, D. Virginia Maria Botelho de Melo, D. Isaura de Castro Araujo de Santana, D. Eugenia e D. Sara da Costa Cardoso, D. Berta Belmar da Costa, D. Julia Abecassis Seruia, D. Maria Antonia de Saldanha Marrecas Franco, D. Maria Maxima, D. Maria Amelia e D. Maria Isabel de Melo Arriaga Tavares, D. Sara e D. Maria Burnay Paiva de Andrade, D. Maria Tereza e D. Elisa de la Cierva, D. Carmela e D. Carmen Iglesias Hermida, D. Margarida Guerra de Muñoz, D. Juanita Vallesteros, D. Dora Gullon Garcia Prieto, D. Margarida Muñoz, D. Francisca Matesan, D. Gracinda de Castro Araujo, D. Maria Luiza da Veiga, D. Maria Aisberg, D. Tatiana Aisberg de Mendonça, etc.

Sabonête Dourado
A VENDA EM TODA A PARTE

Incendios na provincia

FORNOS DE ALGODRES, 18—Pelas 2 horas da madrugada de hoje foi a população desta vila acordada com o alarme do principio de incendio em casa da sr. D. Amelia Sequeira, professora oficial desta vila. O fogo, que foi originado por uma escalfeta foi extinto a baldes e cantaros de agua.

MOGOFORES, 18—Pelas 21 horas de ontem, na vizinha povoação de Aguim, manifestou-se incendio numa casa da eira pertencente ao dr. Manuel Luiz Tavares. A casa ficou totalmente destruida, apesar dos esforços despendidos para o debelar.

PUBLICAÇÕES

"O Papagaio"

Acaba de sair mais um numero de «O Papagaio», que se apresenta, como todos os anteriores, profusamente ilustrado e com admiravel aspecto grafico. Neste capitulo merece salientar-se a colaboração de Lemos e Margarida. Além das costumadas secções de adivinhas, passatempos, versos, cursos humoristicos de francês e inglês, aventuras e premios, este numero insere o programa dum grande concurso de jornalismo infantil.

Nunca visto em Portugal
LAMINAS HERISO
TABACARIA ROSSIO, L.DA

POLICLINICA DO INTENDENTE
Avenida Almirante Reis, 27, 2º,—LISBOA—Telefone 4 5587

DR. ABEL ALVES—Ouvidos, nariz e garganta	A's 11 h.
DR. ADELINO COSTA—Cirurgia geral. Operações	A's 17 h.
DR. ALMEIDA DIAS—Doenças nervosas. Electroterapia	A's 14 h.
DR. ANASTACIO GONÇALVES—Doenças dos olhos	A's 17 h.
DR. ARMANDO LUZES—Rins e vias urinarias	A's 13 h.
DR. ARTUR PACHECO—Doenças de pele e sifilis	A's 17 h.
DR. BÉNARD GUEDES—Raios X	A's 16 h.
DR. CARLOS FRADIQUE—Doenças das crianças	A's 17 h.
DR. FERNANDO FONSECA—Medicina Geral	A's 15 h
DR. FORMIGAL LUZES—Mecanoterapia, maçagem, raios ultra-violetas, gimnastica médica, diatermia, etc.	A's 13 h.
DR. MARCELINO MARTINS—Doenças da boca e dos dentes	A's 10 h.
DR. MARIO ROSA—Clinica geral, estomago e intestinos	A's 15 h.
DR. D. PEDRO DA CUNHA—Partos. Doenças das Senhoras	A's 15 h.
DR. PEREIRA DA SILVA—Analises clinicas—Vacinas	A's 14 h.
DR. VASCO DE LACERDA—Clinica medica, coração, pulmões	A's 16 h.

CARTAZ

TEATROS

Avenida—A's 20 e 45 e ás 23 horas.—«Olha o balão!»
Variedades—A's 21 e ás 23 horas—Revista «Sardinha Assada».
Coliseu.—A's 21 e 30.—«Sessão de box».

CINEMAS

S. Luiz.—A"s 21 e 30.
Tivoli.—A's 21 e 30.
Odéon—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 0.
Jardim Cinema—Av. Alvares Cabral
Capitolio—A's 21.
Pavilhão Português, ás 21.
Royal-Cine—A's 21 e 30.
Palacio—A's 21 e 30.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15
Belem-Jardim—A's 21.
Promotora—A's 21.
I. F. 2—Parque Eduardo VII.
Paris Cinema—R. Domingos Sequeira.

DIVERSÕES

Luna Parque—Desde as 20 horas—Diversões internacionais.

Grandjó

Vinho branco de mêsa, sem rival. O melhor para peixe, marisco e cups—

E v e l

Incomparavel vinho tinto de mêsa. Leve, saudável, digestivo, saboroso e perfumado

REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE DE PORTUGAL
NEC TEMERE NEC TIMIDE
FORNECEDORA DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA
FILIAL: RUA DO ALECRIM, 117 A 121
LISBOA
Tel. 2 2557

LARANJAS
DE
MOÇAMBIQUE
Nova remessa vinda no vapor
«COLONIAL»
Caixas de 150 a 288 frutos
CANELAS & FIGUEIREDO, L.DA
R. S. Julião, 53
Telef. 2 5058

Automoveis
"Standard" e "Bébé Ford"
Conduites 4 portas, economicas, em conta. Vende-se, Av. da Liberdade, 253.

XIV EXPRESSO POPULAR
em 22 de Setembro de
Lisboa á Figueira da Foz
Acha-se exgotada a lotação dêste comboio organizado pela C. P.

O CONGRESSO NAZI

Um resumo concreto das palavras de Hitler

BERLIM, 20.—Sob o titulo «Valor das Nações», escreve a «Correspondencia Politica e Diplomatica»: «As idéas do nacional socialismo, que servem de base á politica alemã, foram explicadas por Hitler e pelos seus representantes, em Nuermberg. O ponto mais importante estabelecido, como dogma, pelo Congresso, é o que diz que, apesar da concepção dinamica do nazismo, no que respeita á vida interna do país, o povo alemão deseja viver com os seus vizinhos em paz e comunhão mutua. A tarefa do nacional-socialismo tem uma grande missão a cumprir: promover o bem estar dos alemães; não pensar em supremacias internacionais. O nacional-socialismo nem sequer recomenda aos outros povos a solução por si achada para varios problemas morais e espirituais, pois cada nação tem as suas leis vitais, porque se rege. Hitler disse que cada povo europeu tem de conduzir uma existencia determinada pela sua historia e pelas suas tradições particulares, se quizer salvar a cultura e todo o Ocidente. O «Fuehrer» acrescentou que o ideal da nova Alemanha é o de que os Estados com um caracter nacional definido formem, no futuro, um sistema para defender a civilização da Europa».—(Americana).

Repercussões do Congresso

KAUNAS, 20.—Informam de Klaipeda que os alemães residentes naquela região dão mostras de desusada actividade, desde o Congresso de Nuremberg. Assim, o partido da «Unidade» publica um apêlo ao povo; particular e violentamente hostil aos partidos lituanos. Na inauguração do «Quarto de Hora de Memel», no posto radio, o posto vizinho perturbou regularmente as emissões e tornou-as ininteligiveis a ponto de em Klanpeda não se terem ouvido convenientemente.—(Havas).

O casal Roulien-Conchita Montenegro

vai filmar no Brasil

PARIS, 20 — O artista de cinema e empresario brasileiro Raoul Roulien, que ontem casou civilmente, nesta capital, com a actriz espanhola Conchita Montenegro, declarou á "United Press„ que tenciona partir com sua esposa para o Brasil, a-fim de começarem a trabalhar num novo filme "A Jangada", que oferecerá esplendidos aspectos da vida e costumes brasileiros. Acrescentou que o novo filme será todo gravado e sincronizado no Brasil e com copias em português, espanhol, francês e inglês.—(United Press).

As inundações na China

LONDRES, 20 — Comunicam de Pequim que, devido ao desabamento de mais um dique do Grande Canal, uma grande parte do Kiangsi, até agora não flagelada pelas inundações, está coberta de agua. Muitas povoações ficaram submersas. Morreu muita gente afogada. O dique que defende Suchow ameaça ruir, pelo que a população da cidade foge espavorida.—(Americana).

Os jogos Olimpicos

BERLIM, 20 — Vários paises acederam ao convite para enviar a Berlim, por ocasião dos Jogos Olimpicos de 1936, uma équipe de trinta jovens desportistas, para o Encontro Internacional da Juventude, e outro de trinta estudantes, para o Congresso de Sport. Os primeiros paises que deram a sua adesão foram á Austria, a Hungria e a Checo-Eslovaquia.—(Americana).

Temporal nas costas inglesas

LONDRES, 20.—O temporal que tem assolado toda a região da Mancha, abrandou esta manhã. No entanto, o barometro continua a baixar e receia-se que a tempestade redobre de intensidade. O mar continua agitadissimo e a maior parte dos barcos não tem podido sair dos portos.—(Havas).

Disturbios de rurais no Mexico

MEXICO, 20.—Em consequencia da distribuição de terras feita pelo Governo na povoação de Jaya, Estado do Jalisco, que descontentou grandemente os rurais da região, deram-se ali graves disturbios do que resultaram 16 mortos e mais de 20 feridos.—(United Press).

A DECLARAÇÃO DO CHEFE DO GOVÊRNO

A reconstituição economica e a defesa nacional

dependem principalmente

do saneamento financeiro

(Continuação da 5.ª pagina)

do estado actual das suas finanças», o chefe do Governo ocupa-se em seguida do problema do trigo, resumindo deste modo as razões dos descontentes:

«Quem ouve falar alguns exaltados representantes da lavoura acreditará que ao Estado compete construir celeiros ou silos para conservar as colheitas dos particulares, e que tambem a ele compete arranjar seja como fôr, dinheiro para adquirir todas as produções excessivas, mesmo que seja pela criação da «nota agraria». Mas os homens ponderados entendem, certamente, que o Estado deve, em beneficio da colectividade, limitar e não alargar as suas funções, e que a sugestão da criação de moeda fiduciaria veio demasiado tarde para ser adoptada».

Entretanto, esclarece:

«Vai fazer-se o possivel por que, deitro de poucos dias, a Federação esteja habilitada a vir em auxilio desses pequenos produtores para que tenham meios de continuar trabalhando e, ao mesmo tempo, se não anarquize o mercado das farinhas pela venda desses trigos a qualquer preço. Mas este esforço só é possivel devido á situação financeira do país».

Acêrca do problema do vinho, o sr. dr. Oliveira Salazar afirma que as possibilidades financeiras do paiis permitiram aliviar a crise pois além de diversos organismos viti-vinicolas terem recebido já milhares de contos para solucionar os problemas locais, só a Federação dos Vinicultores do centro e sul de Portugal pediu, agora, novo emprestimo, e a respectiva soma eleva a importancia do seu debito a 75 mil contos.

Reconstituição economica e defesa nacional

«O saneamento das finanças publicas, prossegue a exposição, não é só para nós factor de independencia politica, nem meio de resolver ou atenuar as maiores dificuldades derivadas da crise; é, tambem, a unica base sobre a qual podiam assentar a reconstituição economica e a organização da defesa nacional».

E depois de explicar o sistema a que obedece a execução de planos e projectos fundamentais acêrca dos problemas postos, acrescenta:

«Não está na mão do Governo fazer tudo o que quere em prazo curto; a economia nacional é que, em ultima analise, condiciona a realização dos nossos planos, e eu não sei se admire a pressa que parece não permitir esperem breves anos coisas que já esperaram largos seculos. Seja como fôr, as pessoas responsaveis pelo governo do país não podem, sem estar de posse de grande numero de elementos, tomar decisões que seriam o recomeço de processos administrativos condenados pela sua ineficacia e carestia. O Tesouro não tem um centavo que possa ser mal gasto».

E a titulo de informação:

«Devem estar quasi concluidos os estudos relativos á rede ferroviaria, á rede telefonica, á marinha mercante, a alguns trabalhos de urbanização de Lisboa, e encontra-se definido o que respeita aos portos comerciais e de pesca, ás obras de hidraulica agricola e irrigação, ás escolas para instrução primaria, aos liceus e ás escolas superiores. Ha, além disso, em estudo questões relativas a aeroportos, estradas, edificios para o ensino tecnico e rede electrica nacional».

Quanto á defesa nacional, o chefe do Governo diz que espera fazer idéa do conjunto do problema a tempo de inscrever no proximo orçamento as primeiras verbas, «a não ser que acontecimentos extraordinarios e aliás possiveis nos forcem antes disso a precipitar as soluções».

Os vencimentos dos funcionarios

O sr. dr. Oliveira Salazar ocupa-se por fim da reforma de vencimentos do funcionalismo civil, á qual se seguirá a dos vencimentos militares.

Referindo-se ás criticas prematuras que a esse respeito se fizeram, esclarece:

«Em primeiro lugar, como as minhas reformas são em geral para pagar menos e receber mais, é raro que os interessados tenham razão para pressas. Por outro lado, não se trata de aumento de vencimentos mas de regularização de vencimentos a quadros, visto não poder aumentar a despesa e dever, portanto, tirar a uns o que havia de ser dado a outros».

O primeiro trabalho a realizar será o de sistematizar os serviços, pois sem esse trabalho previo, «quanto mais se tocar em vencimentos, mais injustiças se cometem». Para isso, realizou-se um inquerito entre o funcionalismo civil e vai seguir-se outro ao funcionalismo militar.

A reforma projectada não será completada nem definitiva, apesar de ser longa e cuidadosa a sua preparação. Ha aspectos, como o da familia do funcionario, em que, certamente, nesta primeira tentativa ainda não se poderá tocar.

Verificou tambem o sr. presidente do Conselho haver grande disparidade entre os salarios de operarios da mesma categoria em diferentes serviços do Estado e entre estes e os das empresas privadas.

A esse respeito, esclarece:

«Promovi a constituição duma comissão inter-ministerial para estudar o caso e apresentar a solução; mas o representante do Ministerio em que precisamente as regalias e salarios eram maiores defendeu a tese de que aqueles não só não podiam ser deminuidos mas tinham até de ser aumentados. Se os deixo trabalhar mais, os resultados seriam contraproducentes: a comissão foi dissolvida. Infelizmente, ha muita coisa que parece só eu posso fazer».

Por fim, refere-se á campanha contra os gremios e federações. Não pretende absolvê-los de faltas que possam ter cometido; receia, porém, que as criticas sejam aqui e além exacerbadas pepla revivescencia do espirito individualista.

Para terminar, o sr. dr. Oliveira Salazar diz que não lhe interessa que todos lhe dêem razão; basta que o país saiba as suas razões.

E considera:

«Os profissionais da agitação interna tambem têm as suas idéas e os seus homens. Mas fazem grande segredo dumas e dos outros, porque, decididamente, não podemos crêr que as idéas sejam as dos papeis clandestinos e os homens os assaltantes da Penha de França. Guardam segredo e é pena, porque estamos perdendo tempo e ninguem nos diz que alguma coisa se não pudesse ir aproveitando».

Fazendo referencia a uma «pequena historia» passada com um inglês, nos seus tempos de Coimbra, o sr. presidente do Conselho termina a sua longa exposição pela resposta do britanico, que era inimigo de Lloyd George, quando alguns estudantes se dispunham a ouvir-lhe violenta critica aos actos e idéas do primeiro ministro inglês:

«O sr. Lloyd George tem sobre os seus ombros uma bem pesada tarefa, e, por esse motivo, dispõe de larguissimas faculdades. Não nos convém, no interesse da Inglaterra, deminuir o prestigio do Governo nem levantar embaraços á sua acção, embaraços que, depois serviriam, tambem de desculpa para algum possivel fracasso. Cumprida a sua missão ha tempo de o sr. Lloyd George prestar contas do uso que fez dos seus poderes».

A SITUAÇÃO ESPANHOLA

Demitiu-se hoje

o governo Lerroux

MADRID. 20. — O governo demitiu-se. — (Havas)

O Partido Agrario prepara-se para influir na solução da crise

MADRID, 20.—O chefe do artido Agrario, sr. Martinez de Velasco entrevistado pela «United Press» declarou que, na conferencia que ontem teve com o chefe do governo, sr. Lerroux, se solidarizara em nome do Partido que representa, com a atitude dos ministros demisisonarios, da Marinha e da Agricultura, respectivamente, srs. Royo Villanueva e José Maria Velayos, pois a transferencia para a Catalunha dos serviços de obras publicas representava uma questão fundamental a que o Partido Agrario dava todo o seu inteiro e completo apoio. Acrescentou que se houver, simplesmente, uma recomposição ministerial, o Partido Agrario manterá a atitude assumida com o actual gabinete, se, pelo contrario, a crise fôr total, o Partido Agrario reservava o direito de colaborar ou não, no novo governo, conforme a sua formação e as tendencias politicas que tiver.

Terminando a entrevista, o sr. Martinez Velasco disse que se o sr. Lerroux o procurar hoje para conferenciar acêrca da questão politica lhe ratificará os mesmos pontos de vista que ontem lhe expôs.—(United Press).

Declarações de uma revolucionaria

MADRID, 20.—Esta madrugada foi largamente interrogada Pilar Gonzalez de Castro, de 20 anos de idade, que ontem fôra presa, em virtude de ter tomado parte activa nos acontecimentos revolucionarios de outubro do ano findo.

A presa fez declarações a que a policia liga grande importancia. Confirmou o anterior depoimento que fizera e acrescentou que estivera escondida durante nove meses nas montanhas, vindo depois para Madrid com 90.000 duros que lhe dera um revolucionario asturiano para entregar a outro de Madrid, tendo este levado o dinheiro para Barcelona.—(United Press).

A situação de Largo Caballero

MADRID, 20.—O Supremo Tribunal desmentiu que tivesse dado ordem para passar á situação de prisão atenuada, isto é, em liberdade vigiada, o chefe socialista Largo Caballero. Este antigo ministro dos primeiros governos da II Republica continua preso numa das cadeias de Madrid.—(Havas).

A solução da crise deve ser demorada

MADRID, 20.—A's 13 e 30 Lerroux foi ao Palacio do Oriente apresentar ao chefe do Estado a demissão colectiva do governo, que foi aceita.

Alcalá Zamora iniciou ás 16 horas as consultas da praxe.

Foi ouvido em primeiro lugar Santiago Alba e amanhã serão ouvidos os restantes chefes politicos.

A' saida do palacio do Oriente Lerroux declarou aos jornalistas que havia aconselhado Alcalá Zamora a manter a coligação governamental do gabinete demissionario.

Espera-se que a crise ministerial seja demorada, em virtude do chefe do Estado querer conhecer a opinião de todos os sectores politicos.—(United Press).

A esterilização na Estonia

TALLIN, 20.—O govêrno elaborou um projecto de lei tendente a estabelecer a esterilização dos imbecis, epilepticos, alcoolicos, dementes, etc. O projecto baseia-se na lei alemã e nos principios em vigor na Dinamarca (neste pais desde 1929), na Finlandia, na America do Norte e no cantão suiço de Waadt.—(Americana).

Assassinio de um chefe sovietico

RIGA, 20.—O jornal "Zaira„ diz que em Tabasaransk, no Daghestan, foi morto com 24 punhaladas o chefe sovietico Salikof. Fizeram-se numerosas prisões.—(Americana).

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

A pele dos bébés exige roupas macias...

Lave-as
sempre **com**
LUX

É tão facil as lãs do bébé tornarem-se asperas! Esfrega-las ao lavar faz com que os fios se juntem e passem a incomodar. Evite esfregar a roupa — lavando-a com Lux! Espremendo apenas, suavemente, faz com que a espuma do Luz tire toda a sugidade — deixando a fazenda tão macia como quando era nova.

O método Lux dos 5 minutos

Dissolva Lux em agua quente, mexa para fazer espuma. Junte agua fria até amornar. Não esfregar nem bater. Secar longe do fogo. As malhas devem secar deitadas.

LEVER BROTHERS LIMITED, PORT SUNLIGHT, ENGLAND

HAVAS

Mordido por um cão

Um cão lobo d'Alsácia feriu-o gravemente.

Resultado: — intecção, tratamento anti-rabico, impossibilidade de trabalho por dois mezes.

Que despeza e que transtorno!

Evite uma tal contingencia fazendo um seguro contra acidentes individuais na Companhia de Seguros Europêa Por um pequeno prémio anual terá garantida uma indemnisação no caso de incapacidade de trabalho permanente ou temporaria, total ou parcial.

Para todas as informações consulte o nosso Agente regional ou dirija-se directamente á

COMPANHIA DE SEGUROS EUROPÊA
LISBOA R. Nova do Almada. 64 1º

OS DESPORTISTAS QUE DISPENDEM MUITA ENERGIA...

...para refazerem e compensarem o organismo dos esforços praticados, para estarem sempre «em forma», necessitam duma alimentação fàcilmente assimilável, muito nutritiva, fortificante...

VITACOLA

farinha alimentar à base de cola fresca, de substâncias minerais, de farinha de cereais maltosados, de cacau puro, açúcar lecitina de ovos, rica em vitaminas, é o mais cientifico dos produtos modernos dêste género.

Apresentada sob uma forma concentrada, que não fatiga o estômago. VITACOLA alimenta mais e fornece em superabundância ao organismo os elementos essenciais à elaboração e à preparação das células humanas.

As crianças, mães, desportistas, convalescentes e todos os que sofrem de neurastenia, anemia, tuberculose, fadiga cerebral, estômago fatigado, intestinos débeis, encontram na VITACOLA um alimento completo, uma delicia bemfazeja.

PARA CRIANÇAS E ADULTOS

A VITACOLA, elaborada em Portugal pela Química Luso-Alemã, Ltd.ª, com Séde na Rua dos Anjos, 171 — LISBOA, é vendida em todo o País sob a forma de tarinha ao preço de:

½ Lata, 7$50 Lata, 12$50 Lata dupla, 24$00

VITACOLA também se vende sob a forma de GRANULADOS (para viagem ou em caso de não se dispor de lume). ½ Lata, 10$00.

PASTILHAS (debilidade, nervosismo). Caixa côr de laranja, 21$00. (Só para adultos). VINHO, frasco para um litro, 9$00.

PILULAS (Vitalidade, neurastenia). Caixa branca, 8$75.

Manda-se para a Província, contra reembôlso Um simples postal é suficiente.

Depositário para o Norte:
Drogaria Costa, Rua das Flores, 36 — PORTO

HAVAS

É UM PRODUTO DA
QUIMICA LUSO-ALEMÃ
SÉDE SOCIAL: RUA DOS ANJOS, 171 - LISBOA

NUNCA VISTO EM PORTUGAL

Em nome do fabricante de Solingen

liquidamos um stock de

LAMINAS HERISO

para produzir esta marca no mercado portuguez (cujo preço regular seria de 1$00 cada lamina) por

30 CENTAVOS

Garantimos: Aço sueco de 1ª qualidade, 8 a 10 barbas por lamina. Uma das melhores laminas de SOLINGEN

Aproveite esta oportunidade unica

TABACARIA ROSSIO LTDA.
Rossio, esquina da R. do Ouro

UMA CAMIONETA DESPENHOU-SE

por uma ribanceira e ficou completamente inutilizada

COIMBRA, 20.—A noite passada, entre Rojão e Vinieiro, proximo de Santa Comba Dão, uma camioneta de Coimbra que regressava de Trancoso, despenhou-se por uma ribanceira, ficando completamente inutilizada.

Tripulava o veículo o comerciante da Ponte da Mocela, Antonio Pais Vicente Cardoso, de 22 anos, de Paranhos da Beira, que era acompanhado pelo seu ajudante, Manuel das Neves, de Coimbra, a senhora Ana de Jesus Pereira, de 65 anos, moradora na rua de S. João da Praça, 67, 1.º, dir., em Lisboa, e a sobrinha desta, Celeste Pereira, de 25 anos, residente na rua Quatro de Infantaria, tambem em Lisboa.

Vieram todos para o hospital da Universidade de Coimbra, onde o comerciante Cardoso ficou internado, com fractura dos ossos da bacia e escoriações pelo corpo.

Celeste Pereira tem uma ferida incisa na cabeça e escoriações numa perna.

O ajudante Neves está ferido numa das mãos.

Ana de Jesus Pereira nada sofreu.

As duas mulheres encontravam-se acidentalmente em Coimbra, onde travaram relações com o comerciante. E como este tivesse de ir a Trancoso com a camioneta e as convidasse, elas, tentadas pelo passeio, aceitaram.

Queixa á policia

O nosso camarada na Imprensa sr. Albano Negrão apresentou queixa a P. I. C. e as autoridades de Oeiras, contra uma senhora, cujos sinais indicou, que, outem, ao fim da tarde, proximo do apeadeiro de Santo Amaro de Oeiras, achou e não entregou a quem de direito, uma joia de grande valor, que uma pessoa de familia do nosso colega perdera, quando se dirigia a tomar o comboio para Lisboa. A referida senhora, que tambem trazia o mesmo destino, retrocedeu e fugiu precipitadamente por um atalho.

A Policia oficiou a todos os estabelecimentos de ourivesaria e casas de penhores, no sentido de apreender o objecto e mandar prender a pessoa que o pretenda transaccionar. Iniciaram-se hoje as investigações sôbre o caso, estando os investigadores a seguir uma pista.

Academia de Amadores de Musica

Na proxima segunda-feira abre a matricula nesta antiga instituição artistica para as aulas de solfejo, piano, violino, violoncelo, contra-baixo, harpa, canto, canto coral, instrumentos de palheta e de metal, orquestra, harmonia, contra-ponto e fuga, acustica, historia da musica, dansa ritmica, português, francês, inglês, alemão e italiano.

Regressou

No "Cap Norte", dos principais centros da Europa, o nosso amigo sr. Cassiano F. Terenas, onde adquiriu as mais recentes novidades para o Menage Ideal da R. da Prata, 162.

MAURICIO

Decorações e mobiliario d'arte

Rua Augusta, 240-1.º

Telef. 2 8229

Provaram já a Agua da Mina da Amadora?

Telefone 2 2681

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

SERVIÇO DE CONTABILIDADE CENTRAL

Caixa de Reformas e Pensões

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anuncio, correm éditos de 30 dias para se habilitarem, junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, os herdeiros de Boaventura da Silva, ex-sub-chefe de Repartição do Serviço de Contabilidade Central, contribuinte n.º 4249, á pensão de sobrevivencia por ele legada como contribuinte da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 1913, concorrendo á sua divisão ou impugnando os pedidos já feitos e requerimentos de sua viuva Emilia Duarte Parreira Diniz da Silva.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 6 de setembro de 1935.

O Chefe do Serviço da Contabilidade Central

(a) *Manuel Barqueira*

VIDA DESPORTIVA

E' já no proximo dia 29 do corrente, que será disputada pela segunda vez a prova ciclista denominada «5 voltas a Mafra».

Esta prova disputada pela primeira vez no ano passado, mereceu de toda a Imprensa dos maiores elogios, tendo todos os jornais dado grande desenvolvimento á descrição da prov , todos dizendo ter sido uma das mais bem organizadas da epoca.

A prova decorreu no meio do maior entusiasmo não só por parte dos corredores, mas tambem do publico que assistiu, e que bastante satisfeito ficou pela boa organização que lhe apresentaram.

A prova foi ganha pelo corredor Alfredo Trindade, seguido de Joaquim Fernandes, Felipe de Melo, Fernando de Almeida, Joaquim de Sousa, Aguiar da Cunha, Cesar Luiz, etc. Por «équipes» ficou vencedor o Sporting, seguido do Benfica, Carcavelos e Belenenses.

Para a prova deste ano, a comissão organizadora trabalha afanosamente para que a prova resulte ainda mais bem organizada e tenha maior brilhantismo, para a consagração definitiva desta prova que merece entileirar ao lado das chamadas provas indispensaveis.

Por todo o concelho de Mafra, ha o maior entusiasmo por esta prova esperando que o exito alcançado seja ainda maior do que o ano passado.

E' o seguinte o percurso a percorrer cinco vezes: Mafra, Alcainça, Malveira, Vila Franca do Rosario, Gradil, Murgueira e Mafra, num total de 161 quilometros e 500 metros.

Serão disputadas 5 taças, a saber:

Taça Camara Municipal de Mafra, a disputar pela segunda vez, pois não é definitiva, tendo sido ganha o ano passado pela «équipe» do Sporting.

Esta valiosa taça no valor de 1.300$00 será pertença definitiva do clube que a conquistar três anos seguidos ou alternados.

A classificação é feita por «équipes» de três corredores e pela soma de pontos, e cada clube poderá inscrever um numero ilimitado de corredores sem «équipes» definidas.

Taça Comissão de Iniciativa e Turismo, no valor de 600$00 será ganha definitivamente pela 1.ª «équipe» classificada.

Taça Raul de Oliveira, no valor de 400$00 será ganha pela «équipe» 2.ª classificada.

Taça Bombeiros Voluntarios de Mafra, no valor de 280$00, será ganha pela «équipe» classificada em 3.º lugar.

Taça Malveira, no valor de 160$00, será ganha pela «équipe» classificada em 4.º lugar.

Estas 4 taças são definitivas.

Aos 18 primeiros classificados serão conferidas medalhas de ouro, ouro e prata, vermeil e prata.

Aos vencedores das 4 primeiras voltas serão conferidas medalhas de prata.

Ao corredor que fizer a volta mais rapida será conferida uma medalha de prata com centro em ouro.

Além destas taças e medalhas, a comissão oferece objectos de arte aos 6 primeiros classificados.

Os premios serão expostos no proximo dia 19 do corrente, em Lisboa, num dos principais estabelecimentos da Baixa.

Não são permitidos carros de apoio, podendo o apoio ser só dado na estrada em postos de abastecimento.

E terminantemente proibido sob pena de desclassificação de qualquer corredor receber apoio de motos ou automoveis.

A inscrição encontra-se aberta na U. V. P., rua Barros Queiroz.

A comissão espera a inscrição das fortes «équipes» do Campo de Ourique, Benfica, Velo Club «Os Leões», Sporting, Carcavelos, Belenenses, Carnide, Rio de Janeiro, Vitoria de Setubal, Louletano, F. C. Porto, Academico, etc.

Aguarda-se a inscrição de todos os azes do ciclismo nacional, Cesar Luiz, Nicolau, Trindade, José Marquês, Felipe de Melo, Ezequiel Lino, Cabrita Mealha, Manuel de Sousa, Ildefonso Rodrigues, Joaquim Fernandes, Martins Aguiar, Joaquim de Sousa, Aguiar da Cunha, etc., etc., esperando que atinge numero de inscrições superior a 53 que foi o do ano passado.

A luta que se vai travar, vai ser gigantesca, devendo muitos entusiastas deslocarem-se para a Rampa do Casalinho, celebre pela dificuldade da sua escalada, onde assistirão ao esforço herculeo dos ciclistas para galgarem uma das mais ingremes e longas subidas de Portugal.

A exemplo do ano passado, serão instalados na Malveira, Vila Franca do Rosario e Gradil, postos de abastecimentos com agua, fruta e refrescos, etc.

Os corredores deverão deslocar-se na vespera, pois terão esplendidas instalações onde dormirem, que são postas á disposição dos corredores pela comissão organizadora.

Por ser perto de Lisboa, deve deslocar-se nesse dia a Mafra, grande numero de entusiastas do ciclismo.

A vila de Mafra, prepara-se para receber todos os grandes azes do ciclismo nacional, a todos acarinhando com o mesmo entusiasmo e reunindo todos no mesmo abraço de reconhecimento.

A meta será instalada no Largo Almirante Reis (defronte do Monumento) e será devidamente policiada para facilitar por completo a passagem dos corredores por esse recinto.

A partida será dada ás 11 horas prefixas.

A VII Volta dos campeões na Figueira

Tem lugar no proximo domingo 22, na Figueira da Foz, a importante prova dos Campeões, que ha seis anos se vem realizando com extraordinario entusiasmo que este ano, está interessando dum modo geral os desportistas e não desportistas de todo o país, dada a forma como está sendo feita a sua organização, pelo despportista local sr. Arnaldo Sobral. Estão inscritos 26 dos melhores azes do pedal, nacionais e 5 espanhois, que vêm representar a «Sociedade Ciclista Vigueza».

Nesta grande prova, são disputadas 20 taças, além de outros premios, assim destinados:

1.º premio, Taça Carlos Alberto Calleya, para o clube, e palma de flores artificiais para a vencedora

2.º premio, objecto de arte.

3.º e 4.º premios, Premio Nally.

6 taças para as seis «équipes».

6 taças para os vencedores das voltas.

5 taças para os 5 primeiros classificados.

1 taça para o melhor estrangeiro.

1 taça para o melhor do Norte.

1 taça para o melhor do distrito.

Premios de Arte para o 6.º, 7.º e 8.º classificados.

Os premios são distribuidos no Salão Nobre do Grande Casino Peninsular.

Juri tecnico: — Presidente, Representante da U. V. P.; vice-presidente, Carlos Alberto Calleya; secretario, Antonio Alves; cronometrista, José Bento Pessoa; juiz de partida, Arnaldo Sobral, dr. Amadeu Rodrigues.

Juizes de chegada: Capitão Decio Calixto, Antonio José Ferreira e Americo da Assunção.

Vogais: dr. Julio Gonçalves e Armando Crespo.

No intervalo da 1.ª para a 2.ª volta, os distintos motociclistas srs. Domingos Ribeiro e Borges Correia, do S. L. B., farão demonstrações de acrobacia.

Para a VII Volta dos Campeões inscreveram-se já

Cabrita Mealha, Soares Barbara, Cesar Luiz, Joaquim de Sousa, José Pontes, Delio Rodriguez, José Paz, Manuel Rodriguez, Aguiar da Cunha, Manuel de Sousa, Antonio Rosa, Noé de Almeida, José Alves Barbosa, José Marquês, José Braz, João Raínho, Roberto Magalhães, João Vassalo de Miranda, Antoni Leal, Afonso Lopes, João Pontes Narciso, Felipe de Melo, Martins de Aguiar, Anselmo dos Santos, Rodrigues da Silva, Albino Carvalho, Altimo Maia, José Pigarro e Domingos Dias.

Realizar-se-á tambem uma prova destinada a senhoras, 6 voltas á avenida e rua da Republica, cuja inscrição é a seguinte:

D. Ilda Gil Moreira e D. Ilda Dias Afonso, do S. L. B.; D. Blandina dos Santos, do Belenenses; D. Candida Resendo, ao Club «As Aves», e D. Maria da Assunção, do Sporting.

Colegio de Arbitros de A. F. L.

Foram eleitos para o exercicio de 1935-36, os seguintes corpos gerentes do Colegio de Arbitros da Associação de Foot-ball de Lisboa:

Assembleia geral — Presidente: João Joaquim Tavares da Silva; 1.º secretario: Raul José dos Santos; 2.º secretario: Carlos Alves Lopes. *Comissão de Recursos* — Antonio Ribeiro dos Reis, Salvado do Carmo e Ivo Torres de Sousa. *Comissão executiva* — Presidente: Silvestre Rosmaninho; vice-presidente: Militão Luiz de Sousa; tesoureiro: Jorge Pancada da Silveira; 1.º secretario: Eduardo da Silva Pombo; 2.º secretario: Octavio Ribeiro da Costa; Vogais: Joaquim Neves Sequeira de Carvalho e José Sarandezes; Suplentes: José [illegible] Diniz e Manuel Alexandre.

O [illegible] do Estoril

A nossa mais [illegible] zona de turismo, tão frequentada por nacionais e estrangeiros vai movimentar-se para presenciar a competição mais séria e arriscada até hoje organizada em Portugal, na qual vai tomar parte um lote de corredores experientes e arrojados que já deram as suas provas em Portugal e no estrangeiro.

A importancia bastante elevada dos premios (25.000$00), a organização tecnica que está a cargo da Comissão Sportiva do Automovel Club de Portugal, os irrepreensiveis serviços de cronometragem com aparelhos electricos de propriedade do mesmo clube, manejados por pessoal experimentado e superiormente dirigido por pessoas da maior respeitabilidade, a colaboração valiosa da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol e da Comissão de Iniciativa de Cascais, e o patrocinio desinteressado dado pelos jornais «Diario de Noticias», «Seculo» e «Diario de Lisboa», são garantia segura dum exito que vai marcar uma pagina brilhante nos anais do automobilismo português.

Gincana de motos em Sintra

No proximo domingo, realiza-se no vasto campo da Portela, em Sintra, uma interessante gincana de motos, patrocinada pelo Moto Club de Portugal, representado pelo sr. conde de Fontalva, e com o concurso dos clubes de Lisboa, Sporting Club de Portugal e Sport Lisboa e Benfica, e levada a efeito pelo Sport União Sintrense. Disputam-se artisticos premios, oferecidos pela Camara Municipal de Sintra, Companhia Portuguesa de Marmores e Cantarias, Adega Regional e Casa Wenceslau Sarmento.

Colégio do S. Coração de Jesus

R. Buenos Aires, 19

Todas as alunas apresentadas a exames oficiais foram dispensadas das provas orais e aprovadas com boas classificações

Guitherme Duarte Rodrigues

e seu filho Ernâni têm o prazer de avisar os seus numerosos amigos e clientes, que agradecem a visita ao seu novo estabelecimento de artigos de electricidade e rádio, onde serão atenciosamente recebidos.

R. VICTORIA, 46-48

BOX

HOJE, no COLISEU

A maior sessão internacional

KID-JANAS - HORACIO

Cañoto - Jack Davis
Kid Oliveira - Alonso
Quintino - Mera II
Jerónimo - Rôxo

Programas dêstes não se comentam: apreciam-se!

SUM E' o melhor limpa metais

DR. MIGUEL DE MAGALHAES

Monitor da clinica de Necker — Paris

RINS e vias urinarias — Venereologia e sifilis.—T. N. de S. Domingos, 9, 1.º as 15 horas — Telefone 5205 N.

VAI A COIMBRA?

Hospede-se no COIMBRA HOTEL ou HOTEL AVENIDA onde encontra sempre o melhor serviço.

Nas **esplanadas da praia** servem-se todas as refeições e chas dançantes.

Propriedade de:

Filipe Pais Fidalgo

Leiam as quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE»

Internato — Semi-Internato
e
Externato
Colégio de D. Deniz
MENSALIDADES REDUZIDAS
Telefone 46689

ULTIMAS NOTICIAS

Dr. Augusto D'Esaguy
Doenças da Pele e Sifilis
Rua Garrett, 17, 2.º
Cons.: ás 16 horas
Telefones 2 3353 / 4 3410

O CONFLITO ITALO-ETIOPE

Enquanto se aguardam as respostas de Roma e Addis-Abeba

aumentam os sintomas de pessimismo acêrca do desenlace do conflito

Os abissinios são magnificos atiradores. No dia em que, oficialmente, puzerem termo ao embargo de armas para a Etiopia, os italianos defrontarão a sua pior dificuldade

LONDRES, 20.—A Comissão dos Cinco continua a trabalhar, se bem que não sejam por enquanto esperados quaisquer acontecimentos de importancia. Em Genebra prossegue o exame e estudo de todos os aspectos do conflito, verificando-se varias consultas entre os diferentes delegados. Não se julga provavel que a resposta da Italia seja entregue antes da reunião de amanhã, do Grande Conselho Fascista.

E' voz corrente que a Abissinia responderá em termos favoraveis ás propostas da Comissão. As ultimas noticias chegadas de Roma não são de molde a modificar a opinião, que até agora tem prevalecido, e segundo a qual a resposta do governo italiano corresponderá a uma recusa.

No entanto, em Genebra, esta manhã, havia a impressão de que a resposta de Roma não será tão categorica como se poderia supôr, e que as declarações que devem vir a ser feitas pelos chefes fascistas não conduzirão a uma rotura imediata.—(Havas).

O governo de Roma sugeriu uma plataforma á Inglaterra?

PARIS, 20.—O correspondente do «Echo de Paris», em Genebra, informa o seu jornal de que, de boa fonte, tem a indicação de que Mussolini teria feito sondar o governo de Londres a respeito da seguinte plataforma para fazer o estudo actual de tensão existente entre os dois paises:

«A Italia não enviaria mais tropas para a Libia e para Cirenaica, e a Inglaterra prometeria renunciar á aplicação de sanções militares».

O correspondente daquele jornal acrescenta: «Tal proposta não tem a menor probabilidade de ser aceita pelo governo inglês».—(Havas).

Atentando contra a independencia da Abissinia, Mussolini arrisca a da Italia

PARIS, 20.—A Imprensa continua a mostrar-se pessimista quanto ao desfecho do conflito italo-etiope. Esse pessimismo não é, porém, muito acentuado, embora em alguns persista a esperança de que se conseguirá a solução pacifica ou, pelo menos, que a diplomacia conseguirá evitar graves repercussões do conflito, na Europa.

O «Petit Parisien» declara que a situação é, de facto, grave, «mas não se deve pensar que as hostilidades engendrem complicações muito mais graves, ou que sejam o sinal da generalização do conflito. A paz da Europa, afirma, neste momento, não está, de forma alguma, ameaçada».

O «Populaire», socialista, mostra desagrado pelo facto de á Italia se terem oferecido vantagens substanciais, e de esta as considerar irrisorias. «Assim, diz, aumenta o descontentamento em Genebra contra a Italia».

O jornal moderado «Ordre» aponta os perigos que a campanha italiana na Etiopia envolve. Mussolini, escreve este jornar, para nos sossegar, afirma que continuará vigilante em Brenner. E' uma ilusão. Se levar o seu projecto avante, ser-lhe-á impossivel defender na Europa os interesses que tem solidariamente com a França. Ao atentar contra a independencia da Etiopia, põe em risco a da Italia».

Para a «Oeuvre» os italianos já compreenderam que a Inglaterra não está a fazer «bluff». A Inglaterra em caso de guerra e sucesso das armas italianas, não levará muito tempo a aplicar as sanções economicas e financeiras, nas primeiras seis semanas, com ameaça de sanções navais se o «élan» do Duce não se quebrar. Em Genebra, termina, reina o mais profundo pessimismo».

O «Petit Journal» diz ter a esperança de que a Inglaterra não aplique sanções, pois, nesse caso seria a guerra. Quem pode provar que a guerra se não generaliza na Europa? Quem pode provar que a Alemanha não se aproveita da ocasião para, bruscamente, fazer o «Anschluss»? A posição da França é nitida: Paz e paz, a todo o preço».—(Havas).

A Italia classifica de provocação os movimentos da esquadra britanica

ROMA, 20.—O ministerio dos Estrangeiros considera exageradas as noticias postas a circular na Imprensa estrangeira acêrca da grande concentração de tropas que a Italia estava fazendo na Libia. O envio de tropas italianas para aquela região baseia-se simplesmente no facto das tropas indigenas locais terem de ser substituidas por haverem terminado o serviço militar.

Referindo-se ás constantes deslocações da esquadra britanica e á concentração de grande numero de barcos de guerra ingleses no Mediterraneo, aquele ministerio considera que a atitude adoptada pelo governo da Inglaterra representa uma provocação directa á Italia que até hoje tem manifestado sempre a melhor vontade e o desejo de assegurar os interesses britanicos na Africa.—(United Press).

Dificuldades financeiras da Italia

LONDRES, 20.—O «Times» estuda a influencia da actual crise no credito italiano, e referindo-se á cotação que ontem teve o emprestimo italiano, emitido em Londres em 1927, para financiamento das obras publicas, tira a conclusão de que esse credito sofreu, nas praças estrangeiras, uma certa redução.—(Havas).

Mais tropas italianas para Africa

NAPOLES, 20.—Amanhã partirão para a Africa Oriental os vapores «Toscano», «Fozzueli» e «Grange», com seis mil homens, entre os quais 1.500 especialistas, pertencentes á divisão de Gransasso. Ontem partiu para Massauá o vapor «Gran Franco» com diverso material motorizado, e hoje partirá o vapor «Abbazia» com 120 oficiais da Legião especial de carabineiros. Este ultimo barco fará escala por Cagliardi, a fim de receber um contingente da Sabaudia.

De Massauá chegou o vapor «Argentina». Trouxe o general Boscardi, encarregado de assumir o comando da 6.ª divisão dos «Camisas Negras». Boscardi partiu imediatamente para Roma.—(Havas).

Aviões britanicos sobrevoam o territorio grego

ATENAS, 20.—O governo grego autorizou dez aviões pesados de bombardeamento ingleses a sobrevoarem o territorio grego na sua viagem para o Egipto, facto que terá lugar dentro de sete dias. Os referidos aviões foram tambem autorizados a reabastecer-se de combustivel na ilha de Creta.—(United Press).

Um artigo definindo as responsabilidades da Inglaterra no conflito

ROMA, 20.—O senador Panzati publica, no jornal «A Tribuna», um longo estudo em que enumera as responsabilidades que, segundo diz, cabem á Inglaterra no conflito etiope. Declara que dos esclarecimentos prestados por Mussolini na recente entrevista que concedeu ao «Morning Post» resulta que, desde 29 de janeiro, o governo italiano falou ao governo britanico na questão da politica italiana na Africa oriental. «O governo britanico, diz aquele senador, respondeu evasivamente e explica hoje essa hesitação, dizendo-a proveniente da necessidade que o «Foreign Office» e o «Colonial Office» tiveram de proceder a longas conferencias sobre o assunto». Aquele homem publico tira a conclusão de que essas longas conferencias provam que o ponto de vista britanico, sobre os direitos da Italia na Etiopia, se modificou depois de 1915, data do protocolo especial em que a Gran Bretanha e a Italia reconheciam reciprocamente a sua respectiva liberdadde de acção.—(Havas).

Se os etiopes tivessem armas, repetiriam Adua

CAIRO, 20.—Em frente do palacio real de Addis-Abeba e da catedral de S. Jorge, realizaram-se grandes manifestações patrioticas, por motivo da chegada de milhares de proprietarios e comerciantes de varios pontos do país, que vêm oferecer os seus serviços ao Negus. A população da capital associou-se á manifestação, apesar da chuva torrencial que caia. Um dos mais interessantes aspectos deste acto foi a participação entusiastica que lhe deram os muçulmanos. Alguns velhos guerreiros disseram que, se os etiopes tivessem armas, repetiriam a vitoria de Adua e expulsariam os italianos para além do mar.—(Americana).

A sorte da Austria decidir-se-á na Etiopia

VIENA, 20.—A sorte da Austria decidir-se-á na Etiopia. E' este o novo lema dos socialistas e nazis austriacos. Agora ambos os partidos esperam que o Negus lute, de uma forma indirecta, a favor dos seus ideais. Ambos confiam, ou desejam, que o Negus derrote o exercito italiano, porém, cada um deles tira uma conclusão diferente desse facto.

O director dum dos serviços burocraticos etiopes, Likamedos Mangascha Wube, que substituirá o imperador no caso de este assumir o comando das suas tropas

Os socialistas prognosticam que, com a derrota italiana, estalará uma revolução na Italia; o desastre do fascismo, segundo a sua opinião, perturbará o equilibrio europeu e dará azo ao inicio de uma série de revoluções.

Sómente Hitler, na Alemanha, segundo os nazis, ou a Russia, segundo os socialistas, sairão triunfantes do caos que se produzirá.

Consequentemente, no reajuste que se verificará na Austria, ambos os grupos politicos confiam que poderão realizar os seus respectivos sonhos politicos.

Tanto as tentativas de um como as de outro, para derrubar o actual governo falharam. Depois das suas tentativas, ambos chegaram á conclusão de que só conseguirão fazer vingar os seus propositos se se produzirem conflitos de caracter mundial.—(United Press).

Os Estados Unidos querem a paz

LONDRES, 20.—A' sua chegada a esta cidade, o embaixador dos Estados Unidos declarou aos jornalistas: «A America toda, todo o povo americano desejam tão ardentemente a paz como o povo britanico. Esperamos que a Conferencia de Genebra consiga a almejada resolução do conflito.» —(Havas).

Os seguros contra riscos de guerra aumentaram de mil por cento

NOVA YORK, 20.—Os seguros sobre os embarques de mercadorias destinadas á Africa de Leste e ás Somalias francesa e britanica e Eritreia foram aumentados em mais de mil por cento. As taxas de seguro contra os perigos de guerra serão fixadas diariamente, e de acôrdo com o desenrolar dos acontecimentos. As grandes companhias de seguros, preparam uma reunião para discutir minuciosamente a questão dos seguros contra os riscos de guerra.—(United Press).

«SÃO LUIZ», ás 21,30: o espectaculo triunfante
A VIUVA ALEGRE

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

PREFACIO QUE NAO SE CHEGOU A ESCREVER...

CARTA A UM POETA

que traiu a musa classica

por JOAO GASPAR SIMOES

Meu caro Poeta:

Convidaste-me para prefaciar o teu novo livro de versos e o teu convite sensibilizou-me quasi tanto como me surpreendeu. Não é costume um neofito solicitar de outro que o apadrinhe no seu baptismo literario, (não é positivamente um baptismo o teu, mas, vamos) muito principalmente quando esse outro não oferece a garantia de um parentesco com grandes das letras ou de cordealidade com potentados jornalisticos. E, porque pensei que poderia achar explicação para caso tão insolito na propria leitura do teu livro, tratei de me pôr em contacto com ele. A explicação não tardou. Logo no atrio do teu livrinho te encontrei a ti mesmo disposto a fazeres-me as honras da casa. Tiveras o cuidado de preparar o visitante antes de lhe abrires as portas da nova morada do teu espirito, coisa que não fizeras no teu livro anterior. Bastava teres tido esse cuidado para se ficar de sobreaviso, mesmo antes de se tomar conhecimento do interior da tua obra. Quando um poeta se explica, mal vai ao poeta. Mas a tua explicação era duplamente significativa. Tu vinhas dizer aos teus leitores que acabavas de cometer uma traição.

Deves concordar que já é preciso ter-se perdido o sentido das conveniencias para proceder como procedeste. Cometer um crime e depois rogar a outrem, como quem lhe presta homenagem, que venha ser seu cumplice, vamos que é demais! Não: eu não sou quem pensas. Se tiveste a crueldade de traires quem te servira sempre docil e solicitamente fica-te com o teu crime. Eu não posso espiar contigo uma falta que não cometi. Bem sei que te estou a causar espanto. E' natural que leias esta carta com a mesma surpresa com que eu li a tua. Tens-me, por certo, por um dos agitadores das idéas que contribuiram para que cometesses o deselegante delito de expulsares do teu convivio e da tua intimidade quem te foi fiel por tanto tempo. Não pode ser outra a explicacção de me teres vindo procurar para teu colaborador. O teu erro redime em parte a tua culpa, mas é necessario que nos entendamos.

No meu modo de ver procedeste como um celerado traindo a tua *Musa classica* com essa libertina a que usam chamar *Musa modernista*. Não tinhas necessidade disso. Uma não é melhor que outra. São quasi sempre os homens quem faz as mulheres virtuosas ou libertinas. Não é a Musa que faz o poeta, senão o poeta que faz a Musa. Ora tu, cultivando a honestissima Musa de teus avós, mantinhas a tradição e davas um exemplo de virtude fecundissimo nos tempos maus que vão correndo para a verdadeira poesia. Assim, dando o mau passo que acabas de dar, perdeste-te e perdeste-a. O abismo está a vossos pés.

Meu caro poeta: tem paciencia, escuta o que te vou dizer. Falemos de ti. Eu conhecia-te por um livro publicado não ha muito onde não é dificil encontrar-se sonetos apreciáveis. E' evidente que leste muito, e apaixonadamente Antero de Quental, tão evidente quanto é certo alguns dos seus sonetos serem descabeladamente anterianos. Mas, que diabo, influencias quem se gabará de as não ter recebido? Seja como fôr o teu livro é honesto. Não tem culpa de não possuires uma personalidade original nem de não ter sido confiada nenhuma mensagem de vulto a transmitir aos teus leitores. Dirás que não é condição fundamental de poesia a originalidade. (Isto é, dirias isto antes de cometeres a feia acção de que falámos). Mas eu não deixarei de te confiar a minha opinião, qual é a de que não ha *poesia* onde não houver originalidade. A nossa discordancia deve consistir apenas no significado a dar a essa palavra. Demais não sou daqueles que reservam a originalidade só para a poesia moderna. Tu, porém, desculpa-me a franqueza, não nasceste fadado para grandes vôos. Tens um certo talento literario e, com ele, seguindo o caminho por onde enveredáras, podias ir onde têm ido alguns dos nossos consagrados de hoje, com mais honestidade do que alguns deles, e quiçá com não menos brilho.

Porquê então esta inesperada reviravolta? Como se explica que depois de alguns anos de vida regrada e feliz, na companhia de tão virtuosa Musa a ponhas porta fora, e te vás lançar nos braços poluídos dessa dissoluta *Musa Modernista?*

Eu sei, meu carissimo poeta, eu sei que estás boquiaberto diante da minha carta. Não esperavas isto de mim, pois não é verdade? Eu, aquele que tu conhecias como um dos mais aguerridos defensores dessa malfadada *Musa*, sou eu quem te diz estas coisas. Realmente é para desesperar. Para contigo mesmo, acoimas-me de cobarde. Dirás, de ti para contigo, que eu faço parte do numero daqueles incapazes de suportarem as consequencias das suas idéas. Neste momento deves estar de acôrdo com o convencionalissimo Bourget de *O Discipulo*. Fazes mal. Eu vou tentar explicar-te a minha atitude. Ouve-me com indulgencia e, se te fôr possivel, com um bocadinho de compreensão. Em geral, quando ouvimos falar de nós, não cuidamos senão de procurar as razões ocultas das palavras que nos são desfavoraveis. Faz um pequenino esforço: crê que só tenho motivos para te ser grato.

Infelizmente tu não és o unico caso de traição á *Musa Classica*. São inumeros os que hoje se lançam em publico sob o signo da chamada *Musa Modernista*, cometendo êrro igual ao teu. Já foram legião. E o que é significativo é a critica, essa mesma sempre pronta a desdenhar toda a verdadeira originalidade, se mostrar rendida ao primeiro de vós que se lhe defronta travestido de poeta modernista. Parece que assim não devia ser, mas é. Sá Carneiro ainda hoje roça pelo *mito* nos arraiais desses mesmos que costumam saudar com sonoros e ôcos adjectivos quem quer que se entremostre fazendo versinhos muito «originais» e «modernos». Porque proscreveram a rima e parecem «muitissimo profundos usando um á vontade de expressão imitado dos mestres da poesia moderna esses tais que já formam legião passam aos olhos dos que sabem fingir que compreendem o que já é escandaloso não compreender por aquilo que não são — nem poetas modernos nem mesmo só poetas. E' a historia a repetir-se. Chegou finalmente a Portugal — com que atraso, meu Deus! — o *snobismo* da literatura moderna...

Mas é tempo de te falar sériamente das minhas razões. Não repares neste devaneio aparentemente vão. Tu sabes, certamente tão bem como eu a importancia das modas. Está na moda ser-se poeta modernista, o que é...

Sejamos metódicos: Que é poesia modernista? Tem-se escrito muito sobre isso, mas não me parece que se tenha dito a ultima palavra. E' natural que se venha a dizê-la só dentro de um bom par de anos. Nestas coisas, como para observar a pintura, precisa-se de distancia. Os caracteres diferenciais entre a chamada poesia modernista e a poesia classica só serão completamente surpreendidos quando os maiores dos poetas hoje ditos modernistas forem já considerados classicos. Porque não tenhas duvida, meu carissimo Poeta, ha poetas hoje modernistas a quem dentro de alguns anos se chamará classicos, tão certo como a muitos daqueles a quem hoje se chama classicos nada se chamar dentro de alguns anos... O tempo tem os seus caprichos muito justos. Mas, contando antecipadamente com a unilateralidade do criterio, arrisquemos que se considera, em geral, modernista aquela poesia em que o poeta, pondo de parte as leis tradicionais da versificação, procura confiar á escrita o que nele pede expressão. Métrica, rima, ritmo, todo o aparato formalista da poesia classica, aparecem banido da poesia modernista. Isto, no entanto, não passa de uma caracteristica secundaria. Fernando Pessoa é tão moderno quando escreve os seus poemas de *O Guardador da Rebanhos* como quando compõe as suas odes lapidares. Sá Carneiro empregou quasi sempre a métrica tradicional, sem excluir a redondilha. Quere isto dizer, meu Poeta, que não é o repúdio de tais ou quais elementos tecnicos tradicionais condição fundamental para arrumarmos nesta ou naquela categoria o poeta que os respeita ou os despreza. Não: a poetica modernista não é coisa tão primaria. Supõe-se isso, mas erra quem tal supõe.

Evidentemente que o abandono do espartilho classico significa alguma coisa mais do que um capricho; adapta-se ou repudia-se uma tecnica consoante ela serve ou não para realizar um certo objectivo. Isto acontece em todas as artes e na propria ciencia. Na poesia a tecnica aparece tambem em função de um determinado objectivo a atingir, qual seja a fixação em formas verbais da inspiração do poeta. Não é dificil de conceber isto, não é verdade, meu Amigo? Ora se isto se concebe com relativa facilidade com que ligeireza se não conceberá que é a inspiração do poeta modernista que exige dele uma nova tecnica poetica! Para definir, pois, poesia modernista ou moderna, como queiras, teremos que começar por admitir que o poeta modernista ou moderno tem uma sensibilidade capaz de lhe pedir que se exprimia de molde a não trair a sua mensagem. A poesia modernista não será, assim, uma futil questão de forma, senão qualquer coisa muito mais séria e profunda. Trata-se, como vês, de uma forma de ser caracteristica de uns certos poetas de hoje.

Seria longo e improprio desta carta enumerar-te aqueles elementos que se encontram em geral nas obras de todos os poetas que nós podemos englobar na designação comum de modernistas. Deixarei isso para outra ocasião. O que não quero deixar de te dizer é que essa forma particular de sensibilidade em que acabo de te falar se traduz não só num estilo proprio mas em muitas outras coisas. E' indiscutivel que existe uma «poetica modernista». Mas será preciso frisar que, não sendo a poesia moderna uma questão de tecnica, qualquer tentativa de desferir a sua lira sem a posse de uma sensibilidade susceptivel de se exprimir através dessa tecnica falhará estrondosamente? De que servirá a quem nunca tocou piano sentar-se em frente de um teclado a imitar os movimentos de um pianista? E, depois, ha ainda coisa mais grave. O emprego da tecnica correntemente tida por modernista, isto é, o verso livre sem rima e metrica, pede imediatamente ao poeta uma substancia poetica fluida, coleante, capaz de se estar realizando e enriquecendo no proprio acto de escrever ou orar. A atitude criadora do poeta classico, chamemos-lhe assim, é semelhante á actividade de um fundidor, que enche o molde de materia ignea. Cada verso tem um valor em si mesmo. O poema resulta da harmoniosa e logica articulação de cada um dos seus versos. Tu, que tens cultivado o soneto, sabes que se pode escrever primeiro o ultimo terceto e só depois as quadras e o primeiro terceto. E' frequantissimo isto entre os sonetistas. Coisa semelhante não é possivel na tecnica modernista da poesia. O poema não é, em geral, uma articulação de versos isolados, mas um todo que se vai realizando á medida que o poeta toma contacto com a substancia poetica da sua alma. Enquanto a tecnica classica leva a poesia para uma especie de sintese formal, a tecnica modernista leva-a para uma sintese psiquica. Se te deres ao trabalho de reler os teus *poemas modernistas*... repara bem no que acabo de te dizer. A tua inspiração teima em vasar-se em versos plasticos, não obstante te dares a ilusão de que te moves em pura tecnica moderna. Sabes o que me fazem lembrar os teus versos? A marcha de um homem que tivesse pernas artificiais. Cada sua passada nos mostra o processo mecanico das suas articulações. E'-lhe completamente impossivel o movimento sintetico de caminhar. Tu, como poeta modernista,

(Ver continuação na 4.ª pagina)

ESTE SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

NO «LABORATORIO» DOS INTELECTUAIS

Como escrevia Eça de Queiroz

Um curioso estudo sobre o mecanismo do seu estilo

por PEDRO MAYER GARÇAO

Dá-se o nome de Eça de Queiroz ao maior estilista da lingua portuguesa. A palavra escrita tem nele, entre nós, o mais primoroso cultor. Todas as qualidades que dão prestigio á prosa, a riqueza, a clareza, a finura, a delicadeza e a graça, concorrem na pena do excepcional artista, que exerceu e ainda exerce uma enorme influencia nas gerações literarias sobreviventes, ansiosas de escrever á Eça, comentar á Eça, dialogar á Eça—ter o talento do Eça.

Eis como se exprime João Chagas, a pessoa, quanto a nós, que mais penetrantemente o definiu e que Philéas Lebesgue considera «*un de ses meilleurs disciples*»: «Em Português, nunca houve quem escrevesse como ele. Ramalho, ele proprio, muito mais genuinamente português do que ele, herdou do genio literario nacional a abundancia e a bravura que nele desaparecem. O estilo de Queiroz não tem entusiasmo. A sua pena não corre após o arrebatamento; pacientemente, com pausas e vagares, procura atingir com intensidade e escrupulo esse tipo de suprema beleza verbal a que ele chamou, pela boca de Fradique Mendes—«uma prosa como ainda não ha». Exacto.

* * *

Para não alongar muito esta nota, vejamos desde já algumas particularidades do estilo do prodigioso escritor.

1)—Quando quere empregar dois adjectivos, fá-los principiar com muita frequencia pela mesma consoante, mais raramente a mesma vogal.

Ex.: *amarelada ,acabrunhada* (M. 2.º v. 471); *beata e babosa* (R. pref.); *curta e classica* (m. 1.º 29); *cheias, chuirosas* (P. B.º 448); *distraido e desdenhoso* (R. 242); *enorme e estranha* (M. 2.º v. 225); *frio e ferozes* (R. 454); *grandes e gordas* (C. R. 396); *hospitaleira e historica* (P. B. 162); *inertes e invitaveis* (C. e S. 218); *longos e lentos* (N. C. 310); *moles e mudas* (C. 192); *nevada e nobre* (P. B. 436); *profunda e perpetua* (C. 24-C; *redondas e roseas* (C. 326); *sagazes e subtis* (C. 90); *turva e tarda* (C. 173); *velho e valente* (U. P. 258).

2)—Igual preocupação em dois substantivos.

Exs: *buxos e bandeiras* (C. R. 514); *ciprestes e cedros* (R. 220); *desgosto e doença* (P. B.º 623); *lenços, luvas* (P. B.º 368); *malas, menino* (P. B.º 378); *predios e pratas* (R. 474); *sombra e silencio* (C. R. 508); *teatro, tipoias* (P. B.º 554); *uivos, urros* (M. 2.º v. 475), e ainda: *borrões de bronze* (M. 2º v. 477); *cimo dos cerros* (R. 219); *coros de catedral* (M. 2º v. 485); *dôr de dentes* (P. A. 449); *flutuação de um fumo* (P. B.º 469); *gole de grog* (M. 1º v. 184); *luz de lanternas* (Mm. 84); *melancolia das multidões* (Mm. 72); *noites de noivado* (M. 2º v. 170); *patios de pedra* (M. 2º v. 478); *rumor de ramagens* (M. 1º v. 64); *silencio de solenidade* (M. 1º v. 154); *tumulto da furba* (Mm. 140); *vagares deste verão* (R. pref.).

3)—A mesma letra inicial em dois verbos.

Exs: *aconchegavam e acariciavam* (P. B.º 624); *cantando e ceifando* (F. M. 15); *dissipando, desaparecendo* (P. B.º 627); *esfuracando e estragando* (C. R. 164); *flameja e fumega* (C. 175); *incomodava e impedia* (N. C. 12); *merenda e mofa* (C. R. 479); *polira e poira* (C. R. 506); *redemoinha e rebenta* (C. 176); *sorrindo e sorvendo* (P. A. 92); *trinca e traga* (C. 180).

4)—A mesma letra inicial no substantivo e no adjectivo que o qualifica. (E' tão vulgar que nos dispensamos de mencionar a obra e a pagina).

Exs: *admiração absurda; brial branco; corça ciosa; desdens divinos; escarlate estridente; extraordinaria existencia; fusos faiscantes; gesto generoso; hervas humidas; individuos inferiores; lustrosa lua; maravilhado murmurio; prece perenal; retiros re-*

EÇA DE QUEIROZ

motos; sinistra serenidade; sciencia spagirica; torva terra; vegetal viçoso e tambem: *Benta Bexigosa; Eterna Equidade; Heroica Hespanha; Venus Victoriosa, etc.*

5)—No substantivo e no verbo.

Exs.: *babava nos braços* (M. 1.º v. 61); *corvos cortam* (P. B.º 470); *farrapos fumavam* (M. 2.º v. 471); *homens que habitavam* (m. 2.º v. 471); *homens vros* (P. B.º 470); *mundo marchava* (m. 1.º v. 46); *pássaros pousavam* (P. B.º 337); *rosnava rezas* (P. B.º 339); *sanque suja* (Mm. 24); *tomava tons* (M. 1.º v. 189); *voz vinha* (P. B.º 340).

6)—No adjectivo e no verbo.

Exs: *coada caindo* (M. 1.º v. 150); *estava estirado* (Mm. 22); *fôra funesta* (Mm. 72); *prosseguiu paciente* (Mm. 18); *ser são* (M. 1.º v. 83); *taciturno tremia* (M. 1.º v. 31).

7)—No verbo e no adverbio.

Exs: *coçou convulsivamente* (P. B.º 644); *despender despropositadamente* (M. 1.º v. 9); *fumegava fetidamente* (P. B.º 435); *gabava gratamente* (C. e S. 278); *imaginar imediatamente* (Mm. 66); *morriam miseravelmente* (N. C. 19); *perturbava-me prodigiosamente* (Mm. 12); *rolavam ricamente* (P. B.º 405); *sorrindo silenciosamente* (P. B. 501).

8)—Em dois nomes proprios.

Exs: *Anibal e Aristoteles* (C. R. 469) *Bossuet até Beaumarchais* (F. M. 114) *Homero a Hugo; D. Miguel, Messias* (M. 1.º v.); *Ronsard, Racine* (N. C. 121); *Socrates e Senecas* (F. M. 152); *Salomão até Schopenhaner; Astarté e Adonis* (R. 239); *Biblia Babel* (Mm. 106); *Jesus e Judaismo* (R. 260); *Olympo até Ogigya* (C. 322); *Rachel e Rebbeca* (N. C. 295); e ainda: *Cartilha e Codigo* (F. M. 96); *Tempo e Taverna* (F. M. 73); *Fatal Feminino* (Mm. 21) etc.

E' notavel a quasi obsessão de Eça de Queiroz pelas maiusculas com a mesma grafia. Patenteia-se na escolha das personagens dos seus romances. Assim, *Amelia* gosta de *Amaro* (P. A.). *Teodorico* é o companheiro de *Topsius* (R.). O primeiro, que almejava os contos de *G. Godinho*, gostou da *Adelia* de um *Adelino* e veio a apaixonar-se pela *Miss Mary*. O segundo, é o autor da *Historia de Herodes. Carlos*, amigo do *Crafe* e do *Cruges*, é filho de *Maria Monforte da Maia* (M.). No *Primo Basilio* outrossim, *Jorge* é amigo de *Julião* e tem duas criadas: *Juliana* e *Joana. Basilio*, com interesses na firma *Bastos & Brito*, e *Brito* de apelido, parte um dia para o *Brasil*, mas especialmente a *Baia. Leopoldina* é amiga de *Luisa*. Na sala desta, ha duas gravuras: a *Medéa* de *Delacroix* e a *Martyr* de *Delaroche*, e os dois volumes do *Dante de Doré*. Quando Luiza agonisa alguem alvitra que se chame «o doutor *Barbosa*, o doutor *Barral*». Enfim, os exemplos deste genero são ás centenas. Mas ha mais: muitas vezes Queiroz começa os periodos por uma maiuscula igual á da ultima palavra do periodo antecedente. Exs: *Paris. Parecia-lhe...* (M. 1º v. 42); *Delta. Demais...* (N. C. 2); *Farpas. Falarei...* (N. C. 46); *Santuario. Sentei-me...* (Mm. 109). *Teodoro? Têm...* (Mm. 111) *Adonis Além...* (N. C. 272); *Pan. Pouco...* (N. C. 300); *Mastodonte. Mas...* (C. 191); *Coitada! Conta...* (P. B.º 532); *Estoura! Eu estou...* (P. B.º 603), etc.

9)—Emprego de três consoantes iniciais, iguais.

Exs: *Moralistas, Metafisicos e Misticos* (F. M. 143); *silencio, solidão e sol* (U. P. 313); *velada, vaga e vaporosa* (R. 173); *pacifico, probo e patriota* (C. F. 81); *sua sacra sombra* (R. 263); *vôvô viesse ver* (M. 1.º v. 108); *curral, coberto de colmo* (P. A. 148); *bordados de buxos baixos* (M. 1.º v. 86); *julgava já justificado* (P. B.º 514); *radiantemente recamada de ramagens* (R. 238). E todos nos lembramos do grito do Vidigal, quando Eça lhe pregunta se conhece Fradique:

—E' meu *parente!* E' meu *patricio!* E' meu *parceiro!* (F. M. 10).

10)—De quatro consoantes:

Exs: *folego fundo como um fole de forja* (F. M. 219); *o carão côr de couro curtido* (F. M. 219); *de fadiga ou de furor tão forte que faz* (C. 177); *tinha tempo tomaria um trem* (P. B.º 334); *um moço magro e murcho murmiurou* (R. 113); *Café côr de chapeu de côco* (E e S. 364); *rapido recomeçava o rolar retumbante* (C e S. 364).

11)—De cinco consoantes.

Exs: *curas e conegos pelas catedrais da cidade e capelas* (Mm. 67); pelos *caminhos constantemente chiavam carros carregados* (C. e S. 303).

12—De seis consoantes.

Exs: dobrando para traz a *cabeça*, respirei o ar *calido, consoladamente, como uma corça cansada* (Mm. 37); *procissões passando* num rumor de *pachorrenta penitencia por* tardes de sol e de *poeira* (M. 1.º v. 24).

13)—Repetição de duas a duas.

Exs: *Depois disso, tens tido...* (P. B. 151); *cadencia cava* de *malho malhando* (C. R. 34).

14)—Repetição alternada da mesma consoante e da mesma vogal.

Ex: *trazendo atravez* das *traves abrazadas* dos *tetos* que *abatiam* (U. P. 290).

15)—Colisão de consoantes ásperas; repetição do mesmo fonema em quasi todas as palavras que compõem a frase.

Exs: *rodando com rodar rangente noutra arrastada fila* (C. e S. 52); a *parra roida de crespa ferrugem* (C. 347); as *ancoras douradas das galeras de Cleópatra* (R. 411); *nos seus curtos saios de couro crú balançando um chuço curto* (C. R. 483); *o verde-negro sossego do seu Brejão* (N. C. 529); *só o som dos seus passos grossos no tapete da sala* (P. B.º 394); *massacre em massa das classes medias* (M. 1.º v. 172); *patas de insectos tecendo uma teia* (C. 18); *talhava-se até tarde um monte forte* (M. 1.º v. 47); *montes cobertos de abetos esbatidos* (P. B.º 470); *bufava, arfava, esfalfado daquele fogoso desabafo* (C. R. 163).

16—Repetição de uma mesma vogal.

Exs: *casa espelhada e dourada onde se dansava* (M 2.º v. 216); *regua de ferro na pedra da mesa* (R. 305); *havia sinaizinhos desvanecidos de antigas bexigas* (P. B.º 24); um vestido *côr de rosa cuja roda toda em folhos* (M. 1.º v. 38); *angustia soturna, obtusa* (M. 1.º v. 27).

17)—Fonias ambiguas.

Exs: *opa rôxa* (P. B.º 101); *assim sã* (C e S. 238); *turba baça* (F. M. 115); *sofá facil* (M. 2.º v. 186); *zelo legal* (C. R. 488); *torpe pirata* (M. 1.º v. 31); *torrão rico* (C. R. 30); *rica gota* (P. B.º 592); *languida Dona* (C. R. 232); *carro chia* (P. B.º 471); *vaga rala* (C. R. 508); *lebre grelha* (C. 201); *chá cheio* (P. B.º 464); *historia heroica* (C. R. 454); *feio feito* (C. R. 349); *Era Eva* (C. 184); *remoto rumor* (C. R. 511); *fosse á força* (M. 1.º v. 170); *frente á fresta* (C. R. 508); *chufas, sujas injurias* (C. R. 482); *seiozinho cheio de seiva* (R. 245); Este ultimo caso, faz recordar o exemplo classico da lingua francesa: «*Ciel! si ceci se sait...*»

18—Termos jjustapostos ligados por rima toante ou rima consoante.

Exs: *duras ruas* (P. B. 190); *amargos agravos* (C. R. 509); *rijo perigo* (C. R. 432); *espessa mecha* (C. R. 473); *corrente barrenta* (Mm. 80); *encanto picante* (?); ou então: *cabras magras* (C. R. 383); *vento lento* (C. 173); *hora criadora* (C. 199); *Figuras escuras* (C. e S. 364); *belos cabelos* (C. e S. 348); *suspiros liricos* (P. B. 164); *bravo cavo* (M. 2.º 464); *enormes, disformes, descarnadas, desconjuntadas, esfoladas* (E. 296); *lealdade, bondade, generosidade* (M. 2.º v. 483); *politicote, impertigadote* (M. 2.º v. 464); e ainda: *pé do coupé* (M. 1.º v. 201); *cama da ama* (?); *clarão de razão* (M. 1.º v. 62); *janela dela* (M 1.º v. 34), etc.

* * *

P. A.—O Crime do Padre Amaro, nova ed. 1880.
P. B.º — O Primo Bazilio, 5.ª ed. 1908.
Mm. — O Mandarim, 2.ª ed. 1880.
R. — A Reliquia, 3.ª ed. 1902.
M.—Os Maias, 5.ª ed. 1920.
C. R. — A Ilustre Casa de Ramires, 3.ª ed. 1912.
F. M. — A Correspondencia de Fradique Mendes, 1.ª ed. 1900.
C. e S. — A Cidade e as Serras, 1.ª ed. 1901.
C. — Contos, 1.ª ed. 1902.
P. B. — Prosas Barbaras, 1.ª ed. 1903.
C. F. — Cartas Familiares e Bilhetes de Paris, 1.ª ed. 1907.
N. C. — Notas Contemporaneas, 1.ª ed. 1909.
U. P. — Ultimas Paginas, 1.ª ed. 1912.
E. — O Egipto, 1926.

Colégio Internacional de Lisboa
Visitem as suas magnificas instalações na
Quinta da Nazaré, ao Lumiar — Lisboa
Telefone, Lumiar 264
Auto-car para a condução gratuita dos alunos

NA RUA DA PALMA
encontram os nossos leitores
Ouro, prata, Joias, relogios, etc.
aos mais acessiveis preços nas acreditadas ourivesarias: Barateiro Pimenta, n.º 2; Varela & Pereira, 6-12; Peixoto e Jardim, 14-16; Oliveira & Jacome, Limitada, 22; Vieira & Filho, 13; Augusto D. Santos, 18 e S. Carvalho Mourão, 92.
Atenção: — Estas firmas são as recomendadas em face das grandes reduções de preços e honestidade das suas transacções
Visitem as ourivesarias da Rua da Palma se queremcomprar bom e barato

Dr. Jorge Santos
DA FACULDADE DE MEDICINA DE PARIS
Hemorroidas, Fistulas, Varizes, Flebites, Ulceras das pernas, Doenças das senhoras. Tratamentos modernos sem operação, sem dôr nem descanço. Das 3 ás 5, R. Nova da Trindade, 9-2.º-Dt., Tel. 28445. Cl. pobres as 9 horas.

UMA NOVELA

A Mêsa dos Mouros

por GUEDES DE AMORIM

Ao despedir da tarde, por muito que o temporal fustigasse a fronde dos castanheiros, a chuva alagasse os caminhos e dêsse maior volume ao ribeiro de Pisões, via-se sempre o velho Taranta cortar a Ponte da Fraga e subir para a serra por entre brenhas e tojeiras.

Nada menos que um doido varrido, o Taranta. A demencia, embora o modelasse, raras vezes o prostrava com um violento paroxismo. Torto depés e mãos, mais simio do que homem, coberto de farrapos, era um monolongo acabado. Caminhando aos saltos, de cabelo revolto e cajado na dextra, corria quelhas e passava por mafarrico de Sedielos e de sete freguesias á volta. Em pequeno, já com vincadas alienações, rilhava côdeas e dormia no casinholo da bruxa da Corujeira. Mas, depois da morte da megera, escoraçado por todos como rafeiro morbo , fôra procurar, longe da povoação, na cova da «Mesa dos Mouros», previdente refugio ás tapadas dos pegulhos.

Pela manhã, quando deixava a lura para pedinchar em Sedielos e nos lugarejos que levam a Mesão Frio, era certo vêr o tolo, quando atingia o sopé, estacar á porta do moinho da Laurinda, a viuva, e permanecer ali, até que a moleira lhe dizia, sorridente: «Já vens pelo almoço?». O tonto não mexia sequer os beiços gretados. Mas aquela pregunta deixava-lhe, todavia, no olhar um intenso brilho de contentamento. Seria de arrastadas horas a fome que lhe ferroava o estomago, para que as palavras de Laurinda, assim, lhe alegrassem o rosto encardido e besuntão; ou dar-se-ia o caso de, aquele falar brando e amigo, seu conhecido ha um rôr de anos, lhe oferecer ampla ventura, que ele mantinha em enigmaticas profundezas...

Reaparecia a moleira, deixava-lhe entalada nas mãos uma tijela de leite, e convidava: «Não o deixes arrefecer, que está bem açucarado». Sentado o idiota na soleira da porta, mastigava, mastigava, enquanto fios de leite corriam e lhe esbranquiçavam os queixos. Sabia-lhe como manjar a almoçarada. De coisa alguma dava fé, nem do cacarejar das galinhas, ali proximo, na horta, nem do monocordico ronronar das mós. O prazer de saciar-se suprimia-lhe toda a distracção. Outro tanto não sucedia se, pelos ouvidos, lhe entrava a voz do filho da viuva. Suspendia, então, o pressuroso comer e enfiava o olhar pela porta, ou atirava-o para o unico janelo da casa, em pesquisa do pimpolho. Se a voz se repetia ficava a sorrir, regaladamente, tanto como se ouvisse aria da sua predilecção. A moleira e o filho eram o seu unico amor, num jeito sentimental de que ele guardava segredo. Pelo miudito todos os sacrificios realizaria, que alguns eram os que lhe custavam os pintasilgos e tentilhões vadios, que apanhava, pelo verão, para ofertar-lhe. Por isso, se aquela vozita deixava de ecoar no casebre, tomava ares tristonhos ou aborrecidos, só se decidindo, muito tempo volvido, a prosseguir na sua jornada mendicante.

Uma ou outra vez, e em dias seguidos de longe a longe, quando a furia parecia exacerba-lo, não arredava pé da porta, até que Laurinda aparecia de novo. Isso sucedia, realmente, quando as crises se lhe denunciavam. Apresentava, então, um semblante de estarrecer. Levantava-se de um salto, todo sacudido de inquietações, e anunciava profeticamente: «Olha o vento, olha o vento!...» A viuva conhecia-lhe esse ladainhar, e, por isso, empalidecia bruscamente, como que apanhada por uma má nova. Aquele falar era sinal certo de desgraça. Taranta continuava a bradar, rouco, transtornado, e, sempre, a apontar a serra: «Olha o vento, olha o vento!...». Era bem de temer o seu anunciar soturnamente tragico. Quando lho escutava, a moleira contava com o pior, fosse perigo mortal ou fogo devastador.

Se o desassisado Taranta não adivinhava as ameaças de Eolo, era verdadeiro predizer fatalidades. Entre a gente das aldeias proximas corria, mesmo, num sulco profundo de convicção, a voz de que ele, desde os seus tempos de hospede da bruxa da Corujeira, ficara com poderosas faculdades de adivinho. A verdade era que, aquele seu «olha o vento, olha o vento!...»—tanto queria dizer vizinhança de furacão desabrido, como tambem significava aproximação da adversidade, ou de doença sem salvação possivel. Nos campos e casais, quando ele passava no seu fadario agoirento, as mulheres lividas de susto, abraçavam-se aos filhos, os homens atiravam-lhe pedras, mas, todos ficavam trementes e apavorados. A negra profecia do maluco não tardava a cumprir-se. Ou era infernal ventania que descia dos quintos da serra, levando pelos ares arvores e telhados; ou fatalidade maior ainda, abarcando familias, rebanhos e sementeiras, numa nuvem espessa de infortunio, que deixava o povo a sangrar de espanto e num quente alarido que durava dias inteiros.

Só ao fugir da tarde, quando o Taranta desaparecia na serra imensa, é que a aldeia se aquietava, em desabafo surdo e pacificador, como se a desoprimissem de um emissario de Lucifer.

Não havia aldeão, por mais valentaço que fôsse, que se afoitasse a eleger, com o tonto, a «Mesa dos Mouros» por dormitorio. O sitio, longe do povoado, ficava numa lomba da serrania, êrmo para tolher de mêdo. Todos o temiam como a passagem do Inferno. As mulheres que, ao romper de alva, iam para Chão da Armada e Monte Leão, a roçar torgas e carqueja, pousavam muito de largo, com o credo na bôca. No retorno, já a meio da manhã, carregando grandes molhos de mato no dorso, então aproximavam-se. Era unica a serventia da fraga como pousio. Os pegureiros, quando a chuva apertava, só em ultimo extremo se abrigavam debaixo do monstro. De noite, porém, nem todo o oiro do mundo chegaria para levar áquele ponto um serrano, porque o menos que se afirmava era que, a horas mortas, o demo e as bruxas, com indumentaria de fogo, davam ali ruidoso salsifré, apenas com o Taranta por espectador.

Nada facil o acesso áquelas alturas. Só de botas cardadas e bordão em bico, para de passo a passo fincá-lo entre o pedregal meudo, é que se podia levar por diante tal ousadia. Impossivel se tornava sustentar posição vertical. Seixo que por ali rolasse, vindo do alto, só terminava a celere corrida no ribeiro de Pisões. Mas a fraga monumental, que teria vindo por ali abaixo durante alguma convulsão forte da serra, lá estava, ha centenas de anos, sem desviar-se um palmo da mesma posição. Os mais velhos explicavam, sem consistencia, que os mouros, em tempos recuados, faziam dali mesa dos seus banquetes E mesa teria sido, até de gigantes, que, na superficie brunida, havia espaço de sobra para jantarada de compacta horda de esfaimados.

Uma vez cada ano, pela Senhora do Viso, na volta da romaria, grupos de festeiros atiravam-se até lá; e, como se dessem largas de desforra a sustos retardados, saltavam para o lombo do penedão, em rodopio cantante. Então, algum moço destemido, anunciando aos quatro ventos temerosa façanha, prometia atirar serra abaixo o pedregulho fantastico. E, lesto, arranca, arranca, de pronto com uma e mais ajudas, numa força total de junta de bois, todos contavam vêr a «Mesa dos Mouros» rolar estrondosamente. Nem sequer o rijo mostrengo oscilava. Embora désse a ilusão de se mexer, quando lhe encostavam um dedo, não chegava a afastar-se uma polegada, ainda mesmo que o impelisse a povoação toda da aldeia. Desistiam, por fim, os valentões de tamanha empresa. A galhofa estralejava em torno dos vencidos. Mas havia sempre uma mulher, mais sentimental, que comentava:

—Ainda bem... Se não, a «mesa», quando rolasse, ia esmagar, lá baixo, o moinho da Laurinda.

Veio um dia, com nevoeiro baixo e empapado de humidade, em que Taranta só á beira do crepusculo se decidiu a descer da serra.

Aberta a manhã, indumentada de neblina cinzenta e fria, logo o alienado arregalara os olhos para o exterior, através da grande abertura da cova, por onde se descobria comprido talhão da serrania. Mostrava os olhos inquietos e cintilantes, como se o batessem poderosos sobressaltos. Não se mexia e contudo. denunciava tremuras de febre poderosa. O tempo estava de entristecer e não apetecia arriscar um pé por entre as moitas. Minutos depois, Taranta puxou por toda a coragem e arrastou-se para fora do penedo. Redobraram-lhe então as tremuras, ficando entre apavorado e revoltoso, mais do que nunca com expressões de anormalidade Estava de estarrecer o seu aspecto. E estendia o olhar para todos os lados, á procura do Diabo, ou á procura da morte.

Lá dentro do peito concavo, ao certo, voz estranha o perseguia. Começava, depois, a procurar qualquer coisa, entre o nevoeiro, fantasma ou animalejo, se não enigma que se obstinava por decifrar. Houve um momento em que se aquietou, num visivel esforço sobre si mesmo. Prestou ouvido atento á levada do ribeiro lá baixo em tarda e douca cantilena, que muito mais se avolumava na represa que servia o moinho da viuva. Num apice mostrou fase nova de exame. Deu-se a minuciosa rebusca em torno da «Mesa dos Mouros». Estranha e mais do que louca aquela impeção. Procurava, só ele sabia o quê. Os olhos, rasgados de pavôr, não se lhe afastavam da base do paredão, atento como se ali procurasse ponta de alfinete ou pegada de lebre. Como o monstro continuava inamovivel, na sua firmesa de racha milenaria, ficava então mais satisfeito, denunciando-o através de uma aragem de riso que se lhe estendia pelo rosto escalavrado. E logo se entregava ao exame aturado e esquisito, cuja finalidade não era possivel atingir, mas em que se empregava a fundo, alheio por completo a tudo.

Voltou a entrar na cova, e, entregue ainda á sua idéa, ali se estendeu a olhar a penedia que, á altura de meio metro, o cobria, enorme, dominadora. Prosseguiu na mesma misteriosa e insensata investigação. Ao parecer, rectificava o exame realizado no exterior. Olhando o peito do penedo, deitou os olhos a correr pelos veios e gretas, sulcos ameaçadores, prenuncios de um dia, cêdo ou tarde, o monstro se abrir estrepitosamente. Tal verificação, de inicio, não o alertou. Porém, ao reconhecer que, na cauda, o penedão mostrava sensivel fenda, fugiu como um raio para fora do seu albergue, por certo a temer que aquele tecto de pedra se desmoronasse.

Tinha asas nos pés a descer a serra. A marcha do crepusculo vinha a carregar dos lados de Taboledo. O tolo seguia, desabalado, como lapada vertiginosa. Estacou apenas á porta da moleira. E, depois de respirar fundo, irrompeu em brados de possesso, como a justificar a louca correria que até ali havia trazido:

—Olha o vento, olha o vento!...».

Laurinda, aparecendo á porta do moinho, com o seu vestido de viuva todo empoado de branco, recriminou-o:

—Não passaste de manhã, e vens agora assustar-me?

Preso da sua colera indecifravel, o tonto repetiu:

—Olha o vento, olha o vento!...».

—Tens fome?—inquiriu a moleira, já picada de susto com a profecia do Taranta.

Ele teimou, numa voz roufenha em que havia a ressonancia de uma tempestade:

—Olha o vento, olha o vento!...

De braço levantado a apontar, na serra, a «Mesa dos Mouros», o doido lançava constantemente o seu demoniaco aviso, dissolvendo nele pavor e revolta, em onda alta de delirio.

Aturdida e sobressaltada, a moleira acabou por retirar-se para junto do filho, acariciando-o com terna inquietação, como se temesse que, após os gritos do doido, lho viessem roubar.

Taranta, depois de convencido que o seu sinal de alarme tinha sido compreendido, meteu-se no caminho torcicolante da aldeia. Não se viá luz nem palmo de terra, que as espessas sombras nocturnas já alastravam por todos os lados. Os passos do maluco eram celeres e firmes no trilho estreito. Semelhavam, pela ligeireza, os de executor de missão importante. E, embora se desconhecessem sem propositos, bastava aquela visita á aldeia, a tal hora, para que se tomassem como indicação de que, qualquer coisa de invulgar lhe encandescia a peito e lhe arrancava laminas de fogo colerico dos labios.

Ao cruzar o caminho, o ladrar de um cão avisou-o de que estava proximo da casa do alfaiate Camarinha. A noite permanecia cega e fechada, mas ele acertou com o ponto que procurava. O peito abriu-se-lhe fortemente convulsionado, numa violenta exaltação arterial. Começou, em seguida, a gritar: «Olha o vento, olha o vento!...». Três vezes depois d ter lançado o seu prego de infortunio, o alfaiate deitou a cabeça fora da janela, a blasfemar contra o parvo. Um momento depois, Taranta voltou-lhe as costas, correndo apressadamente, até que se deteve ante a porta de Ana Guincha, a recoveira. Agarrou-se a bater á porta furiosamente, sempre naquela grita terrorista, que acordou a pobre e os filhos pequenos e os trouxe a preguntar do que se tratava.

Pouco a pouco, a bater e a gritar ás portas, foi Taranta acordando a aldeia toda, levando os vizinhos a febril permuta de inquietações, enquanto outros, que viviam em ermos, acendiam as lamparinas dos oratorios e se prosternavam, ante os pequenos Cristos dos oratorios, implorando livremente das calamidades que, como um trovão, o maluco andava a predizer.

Ao lusco-fusco matinal, ainda continuava o idiota a anunciar terrivel fatalidade, quando estampido fragoroso se fez ouvir. Era grunhido medonho, ou rugir fantastico de leão, vindo dos lados da serra, a cobrir as aldeias. As gentes ficaram lividas e mudas. O proprio Taranta fechou a bôca, depois de muitas horas daquele dramatico anunciar. Emmudeceu tambem ficando pregado ar chão. Mas, instantes depois, como se tomasse a consciencia precisa do que se passava, voltou, lesto, pelo caminho percorrido, numa correria que era bem a de um doido.

Quando atingiu a curva alta do atalho, de onde se abarcava o ribeiro de Pisões e o moinho de Laurinda, é que Taranta estacou o passo. Olhou, demoradamente, na sua frente. No sitio onde ficava o moinho via-se apenas, á volta, um mar revolto de pessoas. Então, avançou com redobrada celeridade e com manchas de tristeza no rosto enrugado.

Quando se aproximou, o povo abriu alas. O moinho da viuva apresentava-se transformado em ruinas. Uma mulher que estava junto dos escombros, a olhar os cadaveres da moleira e do seu pequenino, quando viu aparecer o doido, comentou:

—Coitado! O pobre não se enganou!...

Taranta, sem escutar ou compreender palavra, postou-se a olhar aquela montanha de pedra esfarelada. Não se havia enganado, em verdade. e parecia entristecido por o ter adivinhado. A «Mesa dos Mouros», por entre as nevoas madrugantes, tinha-se despenhado serra abaixo, esmagando o moinho, a viuva e o filho.

Todos viram, então, o Taranta abeirar-se dos dois cadaveres, dobrar um joelho, e ficar a olha-los, absorto. O pouco tempo em que assim esteve. chegou para gelar de espanto ,e, depois, comover a multidão. Estendeu depois a mão para uma flôr de urgeira, cortou-a e meteu-a na boca do pequeno cadaver. Depois, levantou-se de um salto. E viram-no, todos, afastar-se, sem uma lagrima nos olhos, muito amarfanhado e com a cabeça escondida no peito.

Carta a um poeta

(Continuação da 1.ª pagina)

és a mesma coisa: por melhor que queiras andar, coxeias. Falta-te elasticidade nos membros — és quasi lastimavel, meu Poeta!

Perdôa-me a severidade. Eu não queria chegar a tanto. Serás capaz de me não querer mal depois desta carta impertinente? Se o conseguires provarás com isso seres superior á maioria dos homens capazes de tudo perdoarem menos que se lhes diga a verdade acêrca de si proprios. E' certo que esta minha carta é tão inutil como se eu a tivesse escrito na areia ou nas ondas do mar. Contudo, não tinha outro meio de te explicar porque não aceitava o teu convite. Não posso colaborar num acto de falsidade: Abomino a mentira literaria. Porque, meu caro Poeta, não sei se me fiz bem compreender: o teu livro é uma mistificação. Se tu nunca te sentiras atraido para os arraiais modernistas até ao momento desta brusca resolução é que não eras uma sensibilidade modernista, para empregar mais uma vez uma expressão que detesto. Não sei se me fiz compreender completamente: insistirei ainda uma vez. O que eu pretendi frisar foi que se não é poeta modernista por capricho ou resolução de momento. Para o ser deve nascer-se com certa inteligencia e certa sensibilidade; se se não nasceu com elas, inutil tentar mimá-las. A poesia é uma pedra de toque: só lhe resiste o ouro de lei. Demais, para que seja um verdadeiro poeta não é necessario ser-se isto ou aquilo. João de Deus não é menor poeta que Antonio Nobre, não obstante podermos chamar a João de Deus classico e a Nobre *modernista*, passe o exagero. Mas já que te falei em João de Deus e Antonio Nobre repara bem em como ambos são diferentes. Quem ensinaria a Antonio Nobre, poucos anos depois de João de Deus, que um poeta pode falar intimamente de si mesmo ,dos seus desgostos, dos seus caprichos, das suas vaidades como se conversasse consigo proprio? Quem lhe ensinaria aquele modo despreocupado de brincar com os metros poéticos, com os ritmos tradcionais com os chamados temas classicos? Não — ia ele mesmo, independentemente de sugestões alheias, por virtude de uma necessidade natural de encontrar uma expressão onde a sua personalidade se achasse «em sua casa»? Quem nos diz que João de Deus seria o poeta que foi se lhe tivesse sido sido dado jogar com a poesia como Nobre jogou? E Antonio Nobre teria ele sido o mesmo poeta caso não tivesse sabido libertar-se do espartilho classico? Tudo são hipoteses mais ou menos aceitaveis; o que não é hipotese, mas felizmente uma realidade, é ser tão admissivel a obra de João de Deus como a de Nobre, conquanto cada uma delas marque uma personalidade definida. Em poesia o que mais importa é ter-se uma *personalidade definida*.

Ter-me-ia eu feito compreender melhor? E' provavel que ainda me tivesse tornado mais obscuro e incompreensivel. Crê que não era essa a minha intenção. O meu desejo era não deixar duvidas no teu espirito quanto á razão da minha recusa em colaborar contigo no crime que te propões cometer. E' tempo de se meditar em algumas verdades postas a correr por aqueles que são frequentemente acusados de terem dado origem a uma escola poetica em que os poetas originais se fazem em serie como os carros Ford. Para tua edificação, podes ficar meditando nesta: toda a escola poetica é um atentado contra a originalidade individual. A mais bela atitude de um poéta é opôr-se a todas as escolas em nome da sua personalidade. Modernista é exactamente aquele que consegue triunfar de todas as escolas graças á coragem com que logra ser ele proprio. Se existe uma escola modernista, essa escola ensina-te a repudiá-la. Repudia-a, pois, e regressa aos sãos principios á sombra dos quais, se não tens uma personalidade definida—original—poderás ao menos ser um artifice do verso, honesto e respeitavel como tantos outros.

JOÃO GASPAR SIMÕES

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

Quais os valores da geração de 1930

O sr. dr. João de Castro Osorio termina com este artigo o seu brilhante ensaio critico sobre o movimento literario dos ultimos lustros.

Numa sintese perfeita ajusta as suas caracteristicas principais, influencias de escola, e as suas idéas renovadoras. No quadro dos valores estão na sua quasi totalidade os seus principais valores, sem distinguir credos ou posições politicas. O sr. dr. João de Castro Osorio põe em foco o papel da revista Descobrimentos, *bandeira dum grupo literario que deu á geração de 1930 um intenso momento de consciencia artistica e mental.*

Poderia responder em nome da geração de 1930 citando nomes de *novos* com aquela *jactancia* que opõe á resistencia dos consagrados ou dos que nem sequer o são, mas tal se pretendem, uma combatividade de afirmação sem provas.

Não o farei. Porque, outra caracteristica da minha geração é, e nobremente será, a de não cultivar o elogio mutuo nem o culto de capela. Poderá elogiar uma obra de um novo, mas através de uma critica que justifique o elogio e dele tome a responsabilidade. De outro modo não.

Não farei por isso, em nome da geração de 1930, a afirmação rotunda do valor de alguns dos seus *nomes*, que nós todos consideramos desde já mais certos do triunfo.

Prefiro marcar-lhe, sucintamente embora, as fases da evolução para estabelecer o seu agrupamento e distinção das gerações anteriores.

A geração de 1930 revela-se por volta de 1920 com a *Anunciação* de Antonio Alves Martins, com a segunda fase, mais pessoal, de João Cabral do Nascimento e os versos de Luiz Pinto, com o meu poema «Rainha Santa» e os minhas Tragedias *A Horda* e *O Clamor*, com a tragedia *Infanta* de Manuel de Figueiredo, com o *Roteiro das Saudades*, versos de Carlos Lobo de Oliveira. Creio que tambem por essa epoca se começou revelando Thomaz Ribeiro Colaço e de pouco mais tarde serão as primeiras obras criticas de qualquer dos nomes citados e as de Castelo Branco Chaves e José Osorio de Oliveira e as primeiras obras literarias ou criticas de Victorino Nemesio.

Não pretendo fazer desde já uma enunciação dos nomes revelados nesta geração.

Pretendo apenas fixar uma epoca aproximada das primeiras revelações de uma geração.

Se alguem se der ao cuidado de ler qualquer dessas obras notará, desde logo, uma distinção clara entre o seu tom geral e o das obras de qualquer dos sectores da geração de 1920 e das anteriores. Mostrá-lo, desde já, seria ou entrar na critica da geração, para o que é cêdo, ou cair no elogio gratuito, o que não está no meu feitio.

Essas e outras obras revelam, porém, com clareza, intuitos, qualidades, intenção e até cultura diferentes (não digo superiores, digo diferentes) dos que se revelam nas obras da geração de 1920 e nos que embora mais novos com ela agruparam claramente, ou seja num ou noutro dos seus sectores, como Antonio Ferro, no sector modernista, e Manuel Murias, no sector integralista.

Quando pudermos sem perigo de cair em jactancia de «novos» analisar a serio as obras mais caracteristicas *desta revelação de 1920* poderemos mostrar quanto ela se distingue de todos os grupos que nesse ano de 1920 alcançaram a plenitude com a geração da *Dispersão*.

Acentua-se, aliás, essa diferenciação nas obras de plenitude e assim, em breve e sucessivamente, á medida que forem sendo publicadas, será facil marcar a diferenciação e as caracteristicas verdadeiras da geração de 1930. Sentido tragico, lirismo mais profundo do que formal, ao mesmo tempo religioso e humano, amor da vida e da energia mas elevado já a uma afirmação religiosa e assim, em vez de angustia metafisica, uma certeza metafisica e humana que poderá vir a ser a vitoria e a afirmação de um sentido humano e tambem divino de uma criação espiritual que em Antero foi previsão, incerteza, duvida criadora e como tal profunda angustia.

O contrario da idéa ou do sentimento panteista do lirismo religioso de 1910, do planotismo mais ou menos consciente de alguns dos maiores poetas das gerações de 1910 e 1920.

E por outro lado um espirito critico pouco vulgar em Portugal até á presente geração. E ainda uma ligação á tradição geral e viva do nosso país sem sujeição a qualquer das suas formas ocasionais, sem eleição de um *exemplo* no passado, sem nada de neo-lusitanismo nem de neo-romantismo nem de neo-classicismo.

Uma ligação directa é evolução criadora do movimento que data da geração de 1870, sem recusar nenhuma das suas criações, mas sem aceitar o *mestrado* de nenhum dos seus criadores. A consciencia serena, firme e orgulhosa de que pode, ou pelo menos deve, realizar a sintese dos elementos complexos que vêm surgindo na literatura portuguesa desde 1870. E sobretudo a recusa de ligação a qualquer movimento literario do estrangeiro e em particular da França, a certeza de que a sua criação será bem portuguesa, bem propria, nova e diferente de qualquer movimento contemporaneo lá de fóra.

Mas com esta vontade de criação independente (possivel de facto após a evolução dos dois periodos literarios e das gerações que vêm desde 1870—e só agora) nenhuma recusa de *cultura*.

Ao contrario, uma maior cultura de literatura estrangeira mas sem limitação (salvo excepções) á cultura francesa, antes aproveitando-lhe o beneficio e contrariando-lhe o mal por uma cultura classica portuguesa, ou por uma cultura *inglesa*, ou brasileira, ou italiana ou de outras nações e linguas e mesmo por uma cultura classica greco-latina, mas sem exclusivismo.

Isto quere dizer que a geração de 1930 procurou a cultura dentro e fóra do país, no passado e no presente, mas *como cultura apenas, nã o como escola*.

Tudo isto se revela já plenamente em algumas das primeiras obras, mais caracteristicas, da geração, e em todas elas está, pelo menos, instintivamente. Tudo isto se revelará melhor nas obras da sua plena afirmação. E' cedo para o analisar detidamente e com os exemplos que esta analise requere.

Ha, porém, uma obra já realizada e sagrada pela morte que pode desde já, sem perigo do ridiculo nem intuitos de elogio mutuo, ser focada em toda a sua grandeza.

Refiro-me ao lirismo de sentimento tão profundo e humano dos Poemas de Antonio Alves Martins, o unico da geração de 1930 que, predestinado para a morte breve e para a realização total imediata, exprimiu em anos sucessivos todo o seu poder.

O seu primeiro livro «Anunciação», é de 1921; o segundo: «Mulher de Bençam», de 1923; «A Fogueira Eterna», de 1926; o poema «São Francisco de Assis», de 1928 e o ultimo, «Lança de São Miguel», deixou-o inedito, dolorosamente inedito, a morte do grande, do extraordinario poeta que foi Antonio Alves Martins.

Estranho caso este. Cada geração desde 1880 tem uma figura de poeta predestinado para a grandeza imediata e para a morte breve.

A geração de 1880—Cesario Verde; a de 1890, Antonio Fogaça; a de 1900, Antonio Nobre; a de 1910, José Duro; a de 1920, Mario de Sá Carneiro; a de 1930, Antonio Alves Martins. Estranho caso este...

Parece que cada geração, antes de entrar na sua plena afirmação, vibra tão intensamente na alma de um seu *poeta* que o marca com um sinal de desgraça e morte.

E seria curioso, embora de certo modo incompleto, analisar as diferenças dos intuitos e aspirações e diferenciação das sucessivas gerações através dos seus poetas de breve e dolorosa existencia, mortos antes mesmo da sua geração atingir a plenitude.

Se essa comparação for feita, desde já se poderá marcar a diferenciação da geração de 1930 e o seu alto e novo valor.

Porque na verdade Antonio Alves Martins, pelo conjunto dos seus poemas, hombreia com os maiores desses poetas sacrificados, com esses *anunciadores* de cada geração, de realização precoce e de morte precoce. E quanto a mim excede muitos deles.

Bastaria a obra lirica de Antonio Alves Martins para nós desde já podermos confiar no valor da geração a que ele pertenceu, com tanta comunhão e tão caracteristicamente—a geração de 1930.

Quem quizer começar a julgá-la, sem aguardar a produção das suas obras mais conscientes, que leia ao menos os livros de poemas de Antonio Alves Martins. Pobre e grande poeta. A este fez falta a propaganda de uma geração que preferiu á propaganda ousada do seu proprio valor, realizado no silencio, antes de o vir afirmar.

Mas nunca é tarde para fazer justiça. E ela será feita, e o profundo, humanissimo, religioso e belo lirismo de Antonio Alves Martins ha-de ser consagrado, como merece, como um dos mais altos e mais nobres e puros da literatura portuguesa contemporanea. Mais do que isso, ela ha-de entrar no lugar merecido—e bem grande é—na literatura portuguesa de todos os tempos.

Tão grande como desgraçado, o alto poeta que foi Antonio Alves Martins realizou um lirismo puro, profundo, sentido, só comparavel ao melhor lirismo de João de Deus.

E desse lirismo tão profundo, tão espontaneo, mas ao mesmo tempo reflectido e meditado, de Antonio Alves Martins, desta obra já perfeita, embora não devidamente consagrada, já se pode orgulhar publicamente a minha geração.

E esta afirmação plena e, o que fica dito é bastante para mostrar que realmente, por 1920, se dá a revelação de uma geração nova, agrupada, e consciente desse agrupamento, que vem começando a afirmar-se, plenamente, desde 1930—a minha geração.

Quando é de facto que ela entra na fase de afirmação da sua plenitude? E' exactamente em 1931 com a publicação da revista *Descobrimento*.

Não uma revista de combate nem de *escola* ou *partido* literario, mas uma revista caracteristica da geração de 1930. Pelo caracter dessa revista será facil corroborar o que ficou atraz enunciado sobre as caracteristicas desta geração. A tal ponto que para muitos dos que nela nos afirmamos (e para todos, talvez, amanhã) a geração de 1930 será conhecida pela geração do Descobrimento.

E este nome designa de facto o seu intuito de criação espiritual, definido num ensaio publicado nessa revista.

E, caso curioso, pelo caracter desta revista «Descobrimento» (que breve recomeçará a publicar-se) se definem muitas das caracteristicas da geração de 1930.

Aceitação dos valores das gerações que a precederam cuja colaboração pedimos e acolhemos como era devido; revelação dos valores da geração de 1930 com segurança, mas sem barulho e sem exageros de escola; acolhimento com simpatia dos mais novos que começou, com alto valor, a revelar-se por volta de 1930, e entre os quais me apraz citar, com admiração, Adolfo Casais Monteiro.

A sintese—em espirito critico e em criação—do complexo movimento que vem evoluindo, desde 1870, na literatura portuguesa, creio que começou a afirmar-se nessa revista «Descobrimento» e que em breve, pela publicação das obras da maior parte dos seus valores reais, se afirmará plenamente.

Na acção como no espirito (espirito e acção confundem-se) esta geração do *Descobrimento* realizará, creio, uma grande obra. E' pelo menos claro desde já o sintoma, não direi de rejuvenescimento, porque não houve uma decadencia desde 1870 para cá, mas de forte afirmação de vida.

E era isto o que importava mostrar, sem qualquer especie de jactancia ou vaidade e sem cometer qualquer injustiça para as gerações passadas.

E injustiça, como? Se você mesmo, Artur Portela, homem da geração de 1930, homem da minha geração, e sua bela revelação no jornalismo, pôs no seu Inquerito aquele mesmo espirito de justiça e de imparcialidade, de equilibrio e cultura que é timbre da nossa geração?